

ROTEIRO
HELENA KOLODY
CURITUBIANO

Luísa Cristina dos Santos Fontes

UM PARANÁ QUE ABRAÇA OS SEUS

As bibliotecas da Antiguidade foram as primeiras guardiãs dos tesouros escritos da humanidade. Com essa missão, perenizaram a literatura e a cultura. Às bibliotecas de nosso tempo pede-se um pouco mais: que permaneçam centros de preservação de obras do passado, sim, mas que também impulsione a criatividade artística do presente, irradiando seus efeitos na direção do futuro.

A Biblioteca Pública do Paraná tem exercido essa tarefa de forma modelar, pois não apenas acolhe, em suas estantes, obras essenciais à formação cidadã de brasileiros e brasileiras, mas estimula, por meio de eventos, concursos e publicações, a difusão e circulação do atual e do novo. A série *Roteiro Literário* é um dos melhores exemplos dessa política: por meio de textos de excelente qualidade, valoriza escritores e escritoras do Estado, examinados de modo criterioso por um especialista de reconhecida autoridade no que se refere à produção do artista escolhido.

O segundo volume da coleção é consagrado, com inteira justiça, à Helena Kolody, poeta e militante da educação, cuja vida e obra são analisadas por Luísa Cristina dos Santos Fontes, dedicada pesquisadora dos livros e da vida daquela autora. Seu trabalho divide-se em três partes, voltado o primeiro preferentemente à biografia da poeta, com ênfase no resultado da fusão entre sua origem étnica ucraniana e a vivência brasileira, radicalizada primeiramente no interior do Paraná e, depois, em sua capital. A segunda parte aborda o trajeto da leitora na infância e juventude à artista na maturidade, responsável por uma obra poética pessoal, ainda que embebida da tradição da lírica de seu Estado. O terceiro capítulo privilegia a temática dos versos de Kolody, debruçando-se igualmente sobre a recepção de que eles foram objeto por parte da crítica literária.

Completa a publicação o espaço que, com inventividade, é designado Geografia Literária, destinado a valorizar as pegadas da autora sobre os distintos locais por onde passou. Nascida no Paraná e identificada com o cenário de sua terra natal, Helena Kolody não podia ser mais bem homenageada do que em uma publicação que compartilha com ela o apreço ao lugar em que sua existência tomou o sentido registrado em seus versos.

REGINA ZILBERMAN

REPRODUÇÃO



Helena Kolody nasceu em Cruz Machado (PR), em 1912. Morou em Ponta Grossa, Rio Negro, Três Barras, entre outros municípios paranaenses, até fixar residência — no final da década de 1930 — em Curitiba, onde permaneceria até sua morte, em 2004. Atuou como professora, mas foi, acima de tudo, poeta. Primeira mulher no Brasil a publicar haicai, escreveu versos breves e longos. Estreou em 1941, com *Paisagem interior* e durante seu percurso publicou dezenas de títulos, entre eles *A sombra no rio* (1951), *Infinito presente* (1980) e *Viagem no espelho* (1988). Ocupou a Cadeira 28 da Academia Paranaense de Letras e, de acordo com Paulo Leminski, era a “padroeira da poesia”. Recebeu inúmeras homenagens, como o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade Federal do Paraná e *A Babel de luz*, produção audiovisual de Sylvio Back em que ela, Helena, é a protagonista.

REPRODUÇÃO



Luísa Cristina dos Santos Fontes nasceu em Barra do Piraí (RJ). Professora aposentada da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), é autora, entre outros livros, de *Anita Philipovsky — a princesa dos campos* (Biografia, 2002), *Literatura e mulher — das linhas às entrelinhas* (Ensaio, 2002) e *A literatura de autoria feminina em suas interdições* (Ensaio, 2015). Ocupa a Cadeira 5 da Academia de Letras dos Campos Gerais. Vive em Ponta Grossa (PR).

ROTEIRO
HELENA KOLODY
LITERÁRIO

Conselho Editorial da Coleção Roteiro Literário

Antonio Donizeti da Cruz (Unioeste)

Cláudio Mello (Unicentro)

Luiz Rebinski (BPP)

Luiz Simon (UEL)

Marcio Renato dos Santos (BPP)

Miguel Sanches Neto (UEPG)

Naira de Almeida Nascimento (UTFPR)

Omar Godoy (BPP)

Raquel Illescas Bueno (UFPR)

Rogério Pereira (BPP)

Vanderléia da Silva Oliveira (UENP)



Luísa Cristina dos Santos Fontes

Governo do Paraná

Secretaria de Estado da Cultura

Rogério Pereira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Núcleo de Edições da SEEC

Luiz Rebinski

Marcio Renato dos Santos

Omar Godoy

Fotos

Carlos Roberto Zanello de Aguiar (Macaxera),
página 38; **Eduardo Macarios**, capa e páginas 106,
109, 110, 112, 113, 115, 116, 118, 119, 121, 122, 124,
126, 127 e 128; **Haralton Maravalhas**, página 6;
Reprodução, páginas 12 e 72

Projeto Gráfico e Diagramação

Thapcom.com

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB-9/1617

Fontes, Luísa Cristina dos Santos

Roteiro literário Helena Kolody / Luísa Cristina dos Santos Fontes;
fotos de Eduardo Macarios. – Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2018.
132 p. ; 21 cm. – (Biblioteca Paraná)

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-66382-30-3

1. Kolody, Helena, 1912-2004 – Crítica e interpretação.

I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Macários, Eduardo. III. Título.

CDD (22º ed.)

B869.1

SUMÁRIO

CRONOLOGIA DE UM ENCONTRO	7
ESFINGE ESLAVA EM CORRENTEZA ATÁVICA	13
A CIRCUNSTÂNCIA HUMANA: HELENA DE CURITIBA	39
O ESPAÇO METAFÓRICO: BABEL DE LUZ	73
GEOGRAFIA LITERÁRIA	107
OBRAS DE HELENA KOLODY	130



Cronologia de um encontro

...e lá se vão quase 30 anos: 1989. O primeiro contato surgiu, digamos, por “petulância”. Na época, eu cursava Letras na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e integrava o Centro Acadêmico Professora Glacy Camargo Sêcco. Produzíamos um jornalzinho intitulado *O proletrado*, quase sempre literário, algumas vezes muito polêmico na abordagem de temas tabus. Escrevi, para uma das edições, um pequeno artigo sobre Helena Kolody e seu livro *Poesia mínima* (1986), talvez ainda bastante entusiasmada pela recente visita de Paulo Leminski ao Curso de Letras, a convite do mesmo centro acadêmico. A petulância está no fato de que enviei o jornalzinho para Helena, depois de descobrir seu endereço na lista telefônica.

E ela respondeu, com uma carta cheia de amabilidades e um exemplar de *Viagem no espelho* (1988). Descobri, mais tarde, que assim procedia, a mesma gentileza e igual respeito, com todos quantos a procuravam. E não foram poucos.

Quatro de outubro de 1990, 19 horas. O local: o auditório Brasília Itiberê, na Secretaria de Estado da Cultura, em Curitiba. Eu estava muito ansiosa, não tanto pela láurea que receberia quanto pelo primeiro encontro com Helena Kolody, na cerimônia de premiação do concurso homônimo. Nunca me esquecerei

desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas, ah, Drummond. As primeiras impressões: a altivez, o porte elegante, a delicadeza, o sorriso, a impostação de voz, os cabelos em neve, os olhos e um olhar — “Tem certas manhãs azuis em Curitiba, mas tão azuis, que eu tenho certeza: Helena Kolody acordou cedo e olha por todos nós”, garantiria Paulo Leminski.

A partir de então, iniciou-se um período de troca de correspondências. As impressões iniciais se confirmaram nas linhas de caligrafia irretocável, apesar da idade avançada e dos recorrentes problemas de saúde.

Dezembro de 1989. “Querida Luísa Cristina: Encantou-me sua carta. Nem sempre é o lento transformar-se do carbono em diamante que nos surpreende. Às vezes, é uma estrela nova que brilha, de súbito, no céu da madrugada. Foi assim, para a minha sensibilidade, a sua carta [...], Helena.”

No meio do caminho: a UEPG, a Editora UEPG, a Academia de Letras dos Campos Gerais, as escritoras brasileiras do século XIX, a Uniletras, uma neoplasia, a escrita de autoria feminina, escrever, ler, escrever e destaque — com muita ênfase — a experiência adquirida como professora, ao longo de quase três décadas, como a mais recompensadora.

As mesmas inquietações suscitadas no desenvolvimento das aulas e da produção acadêmica têm me “perseguido” pelas travessas e avenidas percorridas em busca de Helena Kolody — a poeta que atravessou meu caminho há alguns anos. O desafio a que me impus: contar a vida de Helena Kolody, a partir de sua inscrição na literatura, questionando a sua identidade, o mun-

do que a cercava e o sentido de sua existência. Comprovar a evidente e inexorável permeabilidade entre criação e recriação. Contar Helena é contar Leminski, o Nicolau, Tarás Chevtchenko, Curitiba e Cecília Meireles.

Com vários artigos publicados em revistas e anais científicos, vou, paulatinamente, mapeando o seu percurso. Em minha tese de doutoramento, *Helena Kolody – carbono e diamante*, uma biografia ilustrada com mais de 250 imagens, recupero seus temas e seus valores, sua delicadeza e sua grandeza, que extrapola seus mais de 500 textos, o carinho de seus 4 mil alunos.

Para tanto, foram muitos encontros e desencontros, desde a viagem até a longínqua Cruz Machado, sua terra natal no Sudeste paranaense, aos vários encontros com a sua irmã Olga Kolody Muñoz Ferrada no apartamento da Voluntários da Pátria, em que Helena morou por décadas. O apartamento mostrou-me uma Helena na maioria das vezes não desvendada pela mídia ou pela avaliação acadêmica. Ali, por exemplo, seus livros preferidos estão em uma estante próxima à sua cama: Baudelaire, Cecília Meireles e Drummond. Em estantes de madeira num pequeno escritório ao lado da cozinha, os demais livros, o álbum por ela organizado, com recortes de jornais sobre as suas publicações, muitas agendas anuais e caderninhos, a “gaveta de sapateiro”, onde “esquecia” os seus textos para serem trabalhados posteriormente e a sua máquina de escrever. Ao lado, num banheiro, inúmeras caixas de sapato empilhadas guardam incontáveis cartas de escritores e admiradores. Das janelas do apartamento, a vista, muitas vezes, inspiradora: o centro da capital, a movimentação incessante dos passantes, a Praça Rui Barbosa,

no horizonte, a Serra do Mar, as construções se deteriorando pelo tempo, o Instituto de Educação e seus alunos, o céu, o Sol, a luz, o que é próprio da poesia.

Assim, ao receber o honroso convite da Biblioteca Pública do Paraná para integrar a coleção *Roteiro Literário*, vislumbrei, com satisfação, a possibilidade de reelaborar esses dados, com vistas a um público mais abrangente. Aqui está, um livro organizado em três ensaios. O primeiro, “Esfinge eslava em correnteza atávica”, examina como se configura a identidade da escritora, em outras palavras, sua obra remete aos conceitos de identidade, tradução cultural, memória, representação: procedimentos que repercutem o seu enraizamento no universo paranaense. O segundo, “A circunstância humana: Helena de Curitiba”, refaz a sua trajetória como leitora, as orientações recebidas e a sua formação, aprecia as principais obras da autora e a situa no cenário literário pelas avaliações críticas. O terceiro, “O espaço metafórico: Babel de luz”, mapeia os principais eixos temáticos, releva a receptividade à sua obra e o reconhecimento definitivo de público e crítica. Completo com a seção Geografia Literária, que enumera locais pelos quais a escritora transitava comumente, um álbum enriquecido pelas fotografias de Eduardo Macarios.

Por fim, o que o leitor poderá ver ou entrever em seus versos líricos não é o nítido reflexo daquela que se olha, mas sim, a máscara colorida, a voz da arte, misteriosamente humana, por sua configuração do inefável: o que o seu texto poético comunica como experiência estética única e intransferível. Seu otimismo irradiante, amorosamente aprendido, sucede, como não poderia deixar de ser, a tomada de posição da in-

teligência frente à realidade. Reflete-se em seus versos o fruto da árdua, demorada e persistente aprendizagem, seu projeto de plenitude.

Na euforia da chegada,
há um convite irrecusável
para uma nova partida.
Helena Kolody

Retrato
da poeta
quando
jovem.



Esfinge eslava em correnteza atávica

A metáfora mais usada para historiadores e biógrafos que buscam recriar a trajetória de uma personalidade ou um instante específico da História é a do garimpo. No caso de Helena Kolody, o garimpeiro mais persistente corre o risco de desanimar.

Alguns anos depois de sua morte, os filões mais promissores já foram vasculhados, revistos, expostos por seus pesquisadores e admiradores. Mesmo assim, a vida longa dessa ilustre cruz-machadense (1912-2004) continua cheia de dispersões e lacunas instigadoras. Por isso, percorrer a trajetória de Helena tem sido como montar um quebra-cabeça. Ou melhor, construir um mosaico, já que muitas peças originais se perderam.

Pelas vias imprevisíveis da elipse, é preciso, por vezes, materializar o vazio, o silêncio, entrevistados no detalhe. O detalhe, como instrumento de análise, é sistemático, isto é, um fragmento evoca outro que evoca outro, e assim sucessivamente. Quer por combinação, quer por contestação, ambos constitutivos desta trajetória poética e de vida.¹ Assim, em “Vestígios”,

¹ Este texto é a reelaboração de três capítulos de minha tese de doutorado intitulada “Helena Kolody, carbono & diamante – uma biografia ilustrada”, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, em março de 2012.

Helena Kolody cifra e decifra o que poderíamos denominar como procedimento: “Uma coluna, uma ogiva, um friso, lembram a beleza antiga”.

Não é sempre que uma fada madrinha vira padroeira e de padroeira vai à categoria de musa absoluta. Quase uma unanimidade é, muito embora já santa e padroeira da poesia, devidamente entronizada por Paulo Leminski. Reverberam, nos cerca de 500 textos encontrados a respeito de sua obra, o aval de Adélia Maria Woellner, Adonias Filho, Alice Ruiz, Andrade Muricy, Antonio Donizeti da Cruz, Arnaldo Antunes, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Euclides Bandeira, Fanny Luiza Dupré, Josely Vianna Baptista, Miguel Sanches Neto, Nelly Novaes Coelho, Olga Savary, Paulo Leminski, Paulo Venturelli, Reinoldo Atem, Roberto Gomes, Rodrigo Júnior, Sérgio Rubens Sossélla, Sylvio Back, Tasso da Silveira, Temístocles Linhares, Valfrido Piloto, Valêncio Xavier, Wilson Bueno, Wilson Martins, entre muitos outros, ao longo do século XX e transbordando-o.

Todos seus contemporâneos, de Euclides Bandeira, nascido em 1877, a Miguel Sanches Neto, nascido em 1965. Beira o milagre! Independentemente de gênero, circulou, aliás, circula, com desenvoltura, entre todas as turmas literárias: os românticos, os simbolistas, os haicaistas, os parnasianos, os modernistas, os espiritualistas e os vanguardistas. É quase uma unanimidade. No entanto, surpreendentemente, não obstante a riqueza de sua fortuna crítica, sua obra, ainda hoje, é pouquíssimo conhecida além das fronteiras de seu Estado natal. O fato de sua obra estar indisponível em catálogo de editora contribui muito para essa relativa invisibilidade.

Helena Kolody é toda uma surpresa: uma existência para

lá de recatada, sem vaidades ou mundanidades, num diapasão de sacerdócio (como afirma o cineasta Sylvio Back). E daí brota uma poesia exuberante, elevada à quintessência da invenção e do confessional. Autora de uma obra de indiscutível originalidade e permanência. Imanência. A força lírica de sua palavra contida, enxuta, despoja-se ainda mais para fluir como se fora uma epifania, em torno dela, seu memorial atávico, sua religiosidade nada ímpia, seu estar aí na própria arquitetura do poema. Palavra-imagem, não apenas do que vemos, mas também daquilo que nos olha e assombra. Quase centenária, teve a oportunidade, rara entre escritores, de presenciar as inúmeras, e das mais variadas e justas, homenagens que lhe foram prestadas, principalmente em seus últimos anos de vida. Vida literária.

Considerando que a literatura é o campo propício para se observar, entre outras coisas, a construção de subjetividades a partir da tensão que se estabelece entre lugares sociais e familiares, histórias individuais e modos narrativos, a identidade da mulher que escreve, em todos estes textos — os seus ou sobre os seus —, constitui-se pela interseção e tensão entre estes elementos.

“Afinal, eu vivi, ou sonhei que vivi?”, pergunta Helena Kolody ao tratar da efemeridade da vida.

Em cada um dos textos, em cada um dos objetos, os pontos de conexão se dão através de distintos esquemas narrativos e propõem diferentes modos para a construção de uma identidade de mulher escritora, que se relacionam com o conjunto de significados sociais, históricos e discursivos, o que lhe faculta valor de eternidade.

Antes de mais nada, foi preciso separar as informações confiáveis das falsas, das fantasiosas ou distorcidas. Depois, acres-

centar dados, imagens e relatos que permitissem conhecer um pouco mais o tempo em que ela viveu e os cenários por onde transitou. As influências e as orientações, a linguagem, o método de criar, seus afetos, o viver e a morte são alguns dos assuntos que vêm à tona no esforço feito para se captar a dimensão *edelweiss* da autora, de modo a que deixassem de parecer fugidios. A *edelweiss*, flor original dos Alpes europeus, nasce em rochas, em geral a uma altitude de 1700-3400 metros acima do nível do mar. É considerada a verdadeira flor do amor, pois, conta-se, alguém arriscou a própria vida escalando montanhas para colhê-la. É planta perene, tem a propriedade de se preservar por muitos e muitos anos. Com o mesmo fundamento, Helena, muito provavelmente percebendo que sua história um dia seria contada, deixou incontáveis recortes de sua trajetória registrados nas inúmeras entrevistas que, sempre com muito entusiasmo e magnanimidade, concedeu. Colecionou incontáveis cartas, agendas, rascunhos, recortes de jornais e revistas.

Há neles lembranças e rememorações sobre práticas culturais, sociais, religiosas, escolares, familiares, pessoais e íntimas. Qual/ais a/s imagem/ns de Helena e sua obra que sairá/ão desse conjunto de fragmentos é o que cada leitor vai conferir e aferir. Uma trajetória que é refeita a cada leitura. Tal potencial, mais que latente, revela-se, por exemplo, em “Presença”: “O poeta ausentou-se. Deixou seu rosto de palavras inteiro multiplicado no espelho quebrado”.

Juntando fragmentos, reflexões e genuflexões que calaram em nosso espírito, propomos esta/s imagem/imagens da “Helena de Curitiba”², tomando como eixo suas relações com as temáti-

2 Empréstio o epíteto do documentário *Helena de Curitiba*, produzido por Josina Melo.

cas preferidas, a recepção à sua obra, as facetas da mulher e da escritora, para muito além e aquém dos seus 91 anos muito bem vividos. Sua pré e pós-história, na qual se pode acompanhar trajetórias do indivíduo, da artista e da intelectual.

No livro *Luz infinita* (1987), edição bilíngue, português e ucraniano, publicado pelo Museu-Biblioteca Ucranianos em Curitiba, a escritora atesta: “Sou brasileira, de pais ucranianos. Poderia ter sido Olena (Олена Колодій). Sou Helena, uma paranaense, cidadã honorária de Curitiba”. Nos *Cadernos do Museu da Imagem e do Som*, de 1989, complementa: “Nasci num ranchinho de chão batido, feito de tábuas toscas, morada provisória de meus pais. Embora de sangue eslavo, nasci como uma índia e orgulho-me disso”.

Helena Kolody descende de família de imigrantes ucranianos. Seu pai, Miguel Kolody (1881-1941), nascido na cidade de Bibrke (Galícia Oriental), veio com a família para o Brasil com 12 anos. Semeon Kolody, pai de Miguel, falecera em 1893 vítima da grande epidemia de cólera que assolou a Ucrânia no fim do século passado. Nástia, a mãe de Miguel, não quis ficar sozinha com filhos pequenos na Ucrânia, por isso, emigrou com os parentes para o Brasil, em 1894. Nástia trouxe seus três filhos: Miguel, João e Rosa. A família veio para o Brasil acompanhando o grande fluxo migratório que ocorreu bem no final do século XIX, quando grupos da Polônia e da Ucrânia (tudo, então, Império Austro-Húngaro) deixaram a Galícia. As razões pelas quais os êxodos aconteceram são históricas: perseguições políticas e raciais, um surto de cólera que atingiu a Ucrânia e, ainda, o sempre cultivado sonho de um mundo novo e produtivo. A região Sul do Brasil, pelo seu clima frio e vocação agrícola, foi o destino escolhido pela maioria das famílias.

A mãe de Helena, Victoria Szandrowsky (1892-1975), nasceu na aldeia galiciana Yuriíampolh, filha de José Szandrowsky e Maria Szandrowsky, e chegou com seus pais ao Brasil com quase 19 anos (em 1911). Motivo: a iminência da Primeira Guerra Mundial. José Szandrowsky, homem muito informado sobre a situação política da Europa, decidiu sair de lá porque sentiu que a guerra se aproximava e ele não queria que seu único filho fosse convocado e acabasse morrendo em combate. Quanto à Victoria, seus estudos, quando chegara ao Brasil, já estavam concluídos.

A família da mãe de Helena se estabeleceu no núcleo colonial de Cruz Machado, Paraná. Cruz Machado foi um núcleo, como tantos outros, fundado pelo Governo Federal com o intuito de colonizar grandes áreas do território paranaense, que até então eram habitadas quase que unicamente por índios. Fundado em dezembro de 1910, seus primeiros habitantes foram os imigrantes poloneses e ucranianos. Aliás, a maior parte dos imigrantes ucranianos que vieram para o Brasil se estabeleceu no Paraná, em fins do século XIX. Miguel, seu pai, fora de Prudentópolis até lá para trabalhar como agrimensor prático na abertura da estrada de rodagem que ligava Cruz Machado a União da Vitória. Miguel começou a frequentar a casa dos patrícios e logo se apaixonou por Victoria. Miguel e Victoria contrairam matrimônio em 13 janeiro de 1912. Nove meses depois nasceu, em 12 de outubro, sua primeira filha, Helena.

Convém lembrar que Miguel Kolody, antes de se casar, foi um dos membros-fundadores da primeira sociedade ucraniana em Prudentópolis. De 1902 a 1909, exerceu as obrigações de tesoureiro da entidade. Era, também, membro do comitê editorial do *Zoriá* (estrela), o primeiro jornal ucraniano no Brasil (1907-1909).

A maior parte de sua infância, Helena passou na cidadezinha de Três Barras, na época, uma vila do Estado de Santa Catarina. Terminou a escola pública em 1922, na cidade de Rio Negro, onde sua tia, Rosa Kolody Procopiak, era professora. Ela ensinou sua sobrinha a escrever e ler em ucraniano. Mudou-se com a família toda, em julho de 1927, para Curitiba. Morou na Rua Itupava, na época, fora do quadro urbano. Ou seja, dito por Helena, rua barrenta, com riozinho ao lado, sem luz elétrica e água encanada. Periferia.

Em alguns poemas, já desde o primeiro livro, Helena frisa sua conexão à pátria de origem, a Ucrânia, com sua história, com seu povo, sua vontade de liberdade e, finalmente, com a imigração ucraniana e sua luta dolorosa. Aquela pátria original com seu povo sofredor e sedento de liberdade acorda na alma da poeta, na lembrança de seu sangue, um sentimento profundo de dor e angústia. “A alma dos ancestrais sofre e chora em mim.” Porém, a imaginária paisagem ucraniana — “estepes e urzes floridas”, “bosques de bétulas”, o “Dnipro cantado por Tarás” — e os cânticos ucranianos enchem a poeta com uma saudade ancestral e aquecem seu coração com ternura e alegria.

Do grande poeta da Ucrânia, Tarás Chevtchenko, ela fez, ainda em 1940, a primeira tradução de alguns poemas, que foram publicados no jornal de língua ucraniana *O Lavrador*. Nos anos 1950, participou da versão portuguesa de poemas ucranianos (adaptação poética) que entraram na *Antologia da literatura ucraniana*, sob a organização de Wira Selanski, que, em 1977, editou segunda edição revista e ampliada da obra, com, inclusive, novo título: *Viburno rubro*. No centenário de nascimento de Tarás Chevtchenko, 1962, Helena prefaciou o livro

Tarás Chevtchenko — O poeta da Ucrânia, de E. V. Kobylansky. No prefácio da obra de Kobylansky, a escritora reflete: “Se o folclore é a expressão profunda da vida de um povo, há poetas que são a própria personificação dessa vida profunda; são como raízes que absorvem a seiva da terra milenária, para transformá-la em flores e frutos”.

Por outro lado, a poética de Helena Kolody delimita um espaço de tonalidades muito nossas. As janelas, a terra e o tempo de Helena descortinam-se para o campo do onirismo. Na geometria do sonho, em suas linhas, reencontraremos a intimidade do passado. Helena Kolody é hoje um dos nomes mais referenciais da literatura do Paraná. Paranista como o pinheiro em nossa flora, como os lambrequins em nossa arquitetura, como o “leite quente” em nosso falar.

O movimento paranista — fundado no princípio ufanista do amor ao Paraná — surgiu de uma necessidade de se construir uma identidade (inclusive cultural) para o Estado do Paraná, necessidade que emergiu com a ascensão do regime republicano. Desenvolveu-se principalmente em Curitiba nas décadas de 1920 e 1930, em tempos em que a embrionária identidade cultural paranaense estava ameaçada pela integração nacional do Estado Novo de Getúlio Vargas e pelos ideais universais do movimento modernista. No entanto, como fazer isto se o Estado era (e ainda é) um *mix* étnico? Era preciso construir a imagem de um Paraná progressista, de uma sociedade em franca expansão e desenvolvimento, de um Paraná moderno. À literatura coube o papel de atingir o coração dos paranaenses para sensibilizá-los à causa paranista; valeu-se do resgate de um sentimento de amor à terra. Destacamos, aqui, o pinheiro, símbolo máximo parana-

ense, aquele que preencheu o imaginário popular e a representação servia a determinados discursos sociais.

Os textos de Helena Kolody, voluntariamente ou não, exploram representações e simbologias que vão sendo paulatinamente incorporadas pelo imaginário popular: o Paraná como Estado de progresso e civilidade; a imagem do semeador; a abundância da natureza representada, entre outros, pelo pinheiro do Paraná — além de simbolizar a altivez do cidadão paranaense. A propósito, o pinheiro foi indiscriminadamente utilizado na confecção de casas de madeira, hoje, emblematicamente, referência das etnias mais numerosas migradas para o Estado, em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX: a polonesa, a eslava, a germânica e a italiana.

Os versos de “Araucária”, do livro de estreia, *Paisagem interior* (1941), retratam tais ideais em tela pungente. A escritora, rescendendo resina de pinheiros, desenhou com tintas sanguíneas o que vê e o que sente sobre a paisagem que lhe serviu de berço. É tão forte essa impressão que ela mesma se julga uma araucária, a árvore típica do Paraná: “Eu sou a araucária, que nasceu forte e altiva, hostil e solitária, no cimo da colina”. Impensável não suscitar a imagem de tristeza austera do pinheiro mergulhando no “horizonte largo de azul imensidade”. A árvore simboliza a angústia e a firmeza, mesmo quando a miragem do país das estepes fosfóreas, de quando em quando, emerge em seu pensamento, sempre ávido de emoções. Não há, em sua fronde, “nem veludos quentes de folhas, nem risos vermelhos de flores, nem vinhos estonteantes de perfumes”. Há, isto sim, em “Araucária”, o calor quente dos trópicos, com o seu cheiro morno de seiva e vida, “só há o odor agreste da resina e o

sabor primitivo dos frutos”, com a claridade chamejante do sol, com a beleza embriagante de sua terra. Uma das faces de sua paisagem interior traduz a luta pela realização de seu espírito, na formação de seu ser, luta de todos nós, inconformados com o acaso, o movimento indefinido e desejosos de uma ordem que seja o esteio de uma liberdade.

Mais recentemente, Luciana Romagnoli e Luis Alvarez discutem a identidade cultural paranaense no ensaio “Tímida e rarefeita”, publicado na *Gazeta do Povo*. Simbolicamente, a impressão digital paranaense — ilustrada em página inteira, com nossas mais emblemáticas representações simulando sulcos digitais — inclui Helena Kolody entre outros ícones paranaenses: pinhão, Cataratas do Iguaçu, Dalton Trevisan, ligeirinho, erva-mate, piá, balas Zequinha, terra vermelha, Polaquinha, gralha azul, Emiliano Perneta, Boca Maldita, Gilda, petit-pavé e barreado.

As culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes, dizemos que somos brasileiros ou latino-americanos ou ucranianos ou eslavos. “Eu sou a primeira brasileira em minha família.” Helena repete a afirmação em várias entrevistas. A repetição, a reafirmação, a reiteração do enunciado o ressignificam, favorecendo novos agenciamentos. Esta é, em suma, uma concepção subjetiva, já que essas identidades não estão literalmente impressas em nosso DNA. No entanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa biologia.

Vale dizer, no lugar da enunciação, revela-se o contínuo deslocamento entre tais referências, sobretudo em função da “con-

vivência” de duas línguas, o português e o ucraniano, essencialmente diferentes, uma constante negociação simbólica entre cosmopolitismos e, de outro lado, experiências fortemente localizadas (mesmo que seja em forma de remotas lembranças ou de desejos).

Helena conta: “‘Lição’ foi escrito em memória de minha avó Nástia, em ucraniano, e, depois, em português. É uma cena puramente ucraniana, mas envolvendo uma criança que não tinha consciência disso porque, na verdade, eu não sabia o que significavam aquelas palavras. É bem aquilo da gente ser e não ser ao mesmo tempo”.³

Aí, poderíamos nos perguntar: de quais estratégias o imaginário se vale para fixar a representação de uma identidade nacional? No caso de Helena Kolody, quais são os indícios que a identificam como ucraniana/brasileira/paranaense/curitibana? Paulo Venturelli apresenta observações fundamentais sobre a “geografia” da poeta ao avaliar o sentido do descentramento materializado no discurso da escritora: “É o inefável circulando por uma geografia sem precisão definida, é a palavra escapando por entre os dedos nebulosos da sensação escorregadia. O não-lugar, o solo nem de todo conhecido por nossos pés e apenas tocando de leve por nossa razão tantas vezes esfarrapada”.⁴

A partir desses pressupostos podemos verificar como uma cultura nacional atua como uma fonte de significados culturais, um foco de identificação. Ou seja, não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça,

3 Na abertura do livro *Helena Kolody: sinfonia da vida*, Tereza Hatue de Rezende. Curitiba: Letra Viva, 1997, p. 30.

4 “Investimento no próprio tom”. *Helena Kolody*. Paulo Venturelli. Série Paranaenses, n. 6. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995, p. 18. Obra referencial que será citada, por vezes, ao longo deste trabalho.

uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. Em seus versos de “Terra inculta”, a poeta avalia esta sua complexa condição geográfica: “Sou a terra ignota e bárbara, viu ondular as searas alheias, viu sazonal frutificar de outras terras, talvez, menos fecundas”. Nessas identificações, revela-se um ser-poeta transplantado em solo diferente. Como todos os seres enraizados, com forte consciência de seus subterrâneos, a transferência torna-se constante fonte de alijamento e melancolia. As imagens proporcionadas pelos versos de “Atavismo” são igualmente contundentes: “Quando estou triste e só, e pensativa assim, é a alma dos ancestrais que sofre e chora em mim, angústia secular de uma raça oprimida que vem da profundidade e turva a minha vida”.

A maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta — isto é, pela supressão forçada da diferença cultural. Uma forma de unificá-las tem sido a de representá-las como a expressão da cultura subjacente de “um único povo”. A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais — língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” — que são partilhadas por um povo. É tentador, portanto, usar a etnia dessa forma “fundacional”.

Nas Américas, na Europa Ocidental, não há qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia, muito embora seja muito difícil desagregar esses elementos “autênticos” de origem. Com a simplicidade que lhe era peculiar, Helena Kolody demonstra ter internalizadas tais circunstâncias:

“Os ucranianos, como os eslavos em geral, têm muita capacidade de adaptação. Logo assimilam os usos e costumes do novo ambiente e facilmente se casam com pessoas de outras raças. Mamãe está com 81 anos e considera-se brasileira. Amou tanto o Brasil que nunca desejou rever sua pátria”.⁵

Para justificar a transnacionalidade de um mundo de fronteiras dissolvidas e de continuidades rompidas, Kwame Appiah, filósofo ganês, professor na Universidade de Harvard, propõe o conceito de “cosmopolitanismo”, na obra *Cosmopolitanism: ethics in a world of strangers*. Na visão do filósofo, o termo surge da imersão e do contato, não necessita de acordo; a discordância é bem provável. Algumas alianças são mais fortes que as outras, algumas necessitam de apoio. O modelo proposto por Appiah invoca o diálogo, quando muitas perspectivas se encontram, uma leva a outra em consideração. Por enquanto, ele celebra essa miscigenação entre crença e perspectiva.

Da mesma maneira que Appiah considera a própria família um modelo de cosmopolitanismo, podemos pensar Helena Kolody. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. “Lembro de mamãe recitando poemas em ucraniano, que ela lia em voz alta para a gente, à noite, à luz do lampião: *pensamentos, meus carros pensamentos, eu sou infeliz convosco...* (não podemos esquecer que Tarás Chevtchenko, poeta-mor ucraniano, autor destes

⁵ Entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som, editada pelo escritor Valêncio Xavier, na ocasião diretor do MIS. *Cadernos do Museu da Imagem e do Som*, n. 13, 1989, p. 6.

versos, viveu grande parte da sua vida encarcerado em virtude de sua pregação em prol da liberdade do povo e da pátria e passou parte da vida exilado). *Por que se alinham no papel em fileiras tão tristes? Por que o vento não vos espalhou na estepe, como pólen das flores?* Minha mãe recitava isso em ucraniano e eu decorei por influência dela.”⁶

Imigrantes carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. Não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque são o produto de várias histórias e culturas interconectadas. Helena sintetiza o fenômeno com uma imagem muito produtiva:

“Uma de minhas leituras prediletas nos meus tempos de mocidade foram os livros de Rabindranath Tagore. Talvez aí também esteja a influência do meu sangue eslavo, porque esse pessoal é muito místico. Eu sou de origem ucraniana, mas li mais os orientais do que propriamente os ucranianos. Vejo que a espiritualidade de Tagore me marcou muito.”⁷

O escritor indiano Rabindranath Tagore, Prêmio Nobel de Literatura em 1913, estimulou o culto do bom e do belo; é considerado por muitos, inclusive por Helena, como grande paradigma da condição humana.

Sua pátria é sobretudo Curitiba. Curitiba é a terra estrangeira de Helena Kolody. Curitiba é a Ucrânia revisitada. É mais que um mero nicho de enraizamento. Curitiba soube preservar e potencializar sua pluralidade, sua multivocidade, seu cosmopolitanismo. É mais que a cidade do Bosque Alemão, da italianíssima Santa Felicidade, do Bosque do Papa, do Memorial

⁶ Helena Kolody. Paulo Venturelli. Série Paranaenses, p. 28.

⁷ Idem, p. 22.

Ucraniano (em 1995, o então prefeito, Rafael Greca de Macedo, homenageou-a na inauguração do memorial, no Parque Tingui e na Praça do Japão). No decorrer de quase um século de colonização, desde a fundação da colônia alemã de Rio Negro, em 1829, até o estabelecimento da colônia holandesa, em 1911, mais de 100 núcleos coloniais foram fundados no Paraná, e cerca de 100 mil colonos foram locados em seu território. A contribuição dos vários grupos populacionais imigrados criou um caleidoscópio étnico-cultural sobre o qual se armaram as novas estruturas demográficas do Paraná. O espírito acolhedor, amistoso, da população paranaense e curitibana é notório no depoimento de Wira Selanski, tradutora da obra da escritora para o ucraniano, sobre quem afirmou: “Conheci-a logo após ter chegado a Curitiba, em 1950. Encontrei uma amiga-irmã na Cidade-Sorriso que me deu abrigo após o inferno dantesco da Segunda Guerra Mundial. Trabalhamos juntas em traduções do ucraniano para o português e vice-versa”.⁸

Convém relevar que aqui o intuito não é o de se render ingenuamente ante Curitiba (ou o Paraná), “admirável mundo novo”, “terra prometida”, mas, isto sim, refletir sobre seu relativo talento para a articulação de complexidades e dissonâncias. Aqui suscitado os versos de “Saga”, o poema apresenta-nos imagens bastante fortes para pensarmos uma metáfora em relação à experiência de imigração brasileira. “No fluir secreto da vida, atravessei os milênios. Vim dos vikings navegantes, cujas naus aventureiras traçaram rotas nos mapas. Por fim ancorei para sempre em teu coração planaltino, Curitiba, meu amor!”

⁸ *Sinfonia da vida*, p. 16.

A frase, título de um livro do escritor moçambicano Mia Couto, “Cada homem é uma raça” sintetiza a ideia de que cada indivíduo tem seu repertório cultural, de preferências, que faz dele um ser único. Helena sempre destacou que sua origem eslava transparece em sua poesia, acrescentando ainda, por vezes, que há certa “eslavidade” em sua maneira de ser.

Em entrevista a Paulo Leminski, Alice Ruiz, entre outros, no projeto Um Escritor na Biblioteca, da Biblioteca Pública do Paraná, em 1986, Helena Kolody fala, com desenvoltura, sobre assuntos literários e pessoais, sobre poesia, processo criativo, leitura, formação e influências. O livro, homônimo, com a transcrição da entrevista, foi publicado logo depois. Em relação à “eslavidade”, ratifica: “É a minha marca de origem, embora eu seja apaixonadamente brasileira. Isso eu digo no poema ‘Aquarela eslavo-brasileira’, do livro *Tempo* (1970)”. A primeira estrofe, explica, é aquarela eslava: “Na memória do sangue, há bosques de bétulas, estepes de urzes floridas, canções eslavas”. Mas a segunda, enaltece, é profundamente brasileira. Nesses versos, destaca a escritora, vibra a sua alegria por ter nascido no Brasil, com um coração que dança em ritmo sincopado, o ritmo do samba: “Arde o trópico nos nervos. Crepita a alegria da pátria jovem. A alma se aquece na chama das cores. Dança o coração em ritmo sincopado”.

Em uma caprichosa edição do Museu-Biblioteca Ucrânicos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva, Clube Ucrâno-Brasileiro e Organização Feminina, foi publicado em 1997, em edição bilíngue, português e ucraniano, o livro *Luz infinita* (БЕЗКОНЕЧНЕ СВІТЛО). Traduzido para o ucraniano por Ghryghory Kotchur e Wira Selanski, com breve biografia escrita por Nicolás Hec, a

antologia reúne poemas de seus 11 livros publicados anteriormente. Aliás, a Sociedade dos Amigos da Cultura Ucrânia, já em 1983, lançara, em Curitiba, o livro *Вибрані Поезії* (*Poesias escolhidas*) com seus poemas exclusivamente na língua ucraniana. Seus versos, traduzidos para o ucraniano por Wira Wowk, comprovam o interesse dos leitores pela autora e pela língua.

Longe de serem confinados à margem e à imagem da *Utopia* — o não-lugar —, do visionário Thomas More, alguns versos da escritora Helena Kolody tratam, originalmente, da questão do imigrante. A voz do imigrante está sempre entre outras vozes. Na avaliação do crítico literário Wilson Martins⁹, Helena Kolody é “poeta do Paraná não apenas pela naturalidade regional, mas também por haver acrescentado a voz do imigrante à temática da poesia brasileira”. A inscrição da língua do imigrante se dá no interior de uma outra língua. Bem entendido, a fronteira da nação do imigrante insere-se em uma outra fronteira de nação, mais que jogos de engano, o que se apresenta é o esgotamento da própria concepção de fronteira. O imigrante é aquele que traz à tona a intensidade da certeza de que estar aqui é estar em outro lugar, ou ainda, que estar é sempre uma mediação entre dois espaços, instante que separa e une o estático e o dinâmico, o que pode efetivamente sugerir um dispositivo de resistência.

Para a professora Marly Catarina Soares, que avalia a questão em sua dissertação de mestrado, a poesia de Helena Kolody capta este momento, bem como o processo de adaptação e acomodação correspondente. Em poemas de toda a sua longa traje-

9 “Poetas do Paraná”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 de março de 1994.

tória poética, a preocupação em preservar os costumes do povo, a língua e a consciência do imigrante está presente. “A partir da ideia de que na sua poesia os elementos culturais se entrecruzam — e isto resulta na constituição do Paraná, heterogêneo mas homogêneo — tem-se uma visão de uma parte do Brasil de composição diferente daquela dos demais estados”¹⁰.

Análogos a tantos outros da literatura contemporânea e especialmente os que tematizam a figura emblemática e contraditória do imigrante, os textos verificados remetem aos conceitos de identidade, tradução cultural, entre-lugar, memória, metalíngua, representação, além de outros. Este conjunto projeta refazer o diálogo que os textos de Helena Kolody mantêm com a história e a cultura de seu tempo. Esclarecer um pouco mais sobre um saber construído pela experiência de perdas (incluir a questão de domínio político sobre o território da Ucrânia) para que o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o escopo da insignificância. Ou seja, reler a obra de Helena Kolody é inseri-la em nosso contexto para que produza sentido e memória. Vejamos o que ela observa como uma introdução à sua própria poética, nos versos de “Emigrante”: “Arfa no porto o mar. Soluça dentro d’alma do emigrante o longo silvo do navio em despedida. Treme, na lágrima de olhar, a paisagem da pátria”.

Analisando alguns movimentos que configuram embates de vozes e contaminações linguísticas, vamos esboçar como se manifesta, em versos de Helena Kolody, o caráter perturbador das línguas estrangeiras. Como a inerente estranheza das línguas problematiza a noção de identidade. O tema particularmente

10 Helena Kolody: *uma voz imigrante na poesia paranaense*, Unicamp, 1997, p. 108.

enfocado aqui, a memória, tem como ponto de encontro a relação entre língua e história. A escritora rememora:

“Eu fui uma criança bilíngue. Falava português com meus irmãos e ucraniano com mamãe. Vivia-se todo aquele cultivo que até hoje se tem das tradições. Sou a primeira brasileira da família, então isso tem de influenciar a gente e até mesmo certas características psicológicas acabam sendo marcas da gente. Ainda que eu não tenha outro sangue senão o ucraniano, isto pesa. Mas nunca cultivei essas raízes intencionalmente. O que aparece na minha obra é espontâneo”.¹¹

Através de seus relatos, sobretudo de suas memórias de infância, e desde seus primeiros versos, é possível perceber que o sentimento de exílio sempre a acompanhara: a sensação de estar fora do seu espaço. Ou, ainda, de que não há o seu espaço. Esse sentimento pode ser localizado na cisão de referências que envolve o eu-lírico: de um lado, sua terra natal, o Paraná dos rios e araucárias; do outro, as tradições e a memória da família eslava. O objeto cultural (o poema), como operador de memória, trabalha no sentido de entrecruzar memória coletiva e história.

É importante ressaltar: a semântica do exílio é complexa. É difícil limitar o escopo de seu significado. O dicionário define o vocábulo como expatriação, forçada ou voluntária. Essa definição apresenta uma ambivalência que haverá de ser encontrada em quase todos os estudos e discussões a respeito. Exílio, expatriação, a sinonímia da palavra é variada e inclui, entre outros: expulsar da pátria, degredar, desterrar, banir, extraditar, deportar. Mas também pode significar: afastar, apartar, arredar, e, como reflexivo,

¹¹ *Sinfonia da vida*, p. 14.

afastar-se do convívio social. Existem ainda relações com os termos emigrado e imigrante, geralmente aplicados aos casos de motivação econômica para o afastamento do país. Todas essas nuances do léxico do exílio denotam a ambiguidade das leis e dos sentimentos humanos.

Muito embora os estudos sobre o exílio geralmente enfoquem esse afastamento da terra, em termos geográficos, significa mais do que uma falta de contato com a terra e as casas, é uma condição mental, mais do que material. É possível acrescentar à reflexão sobre o exílio um novo conceito, o de tempo. Também é frequente que, durante o exílio, se viva em dois tempos simultâneos, no presente da terra que acolhe e no passado que se deixou para trás, sendo que este último pode tyrannizar o presente pela nostalgia do que perdeu. Em “Exilados”, um eu-poético conduz o tema: “Ensimesmados, olham a vida como exilados fitando o mar. Não estão no mundo como quem o habita. Estão de visita num planeta estranho”.

Conviria observar, como implicação direta disso, que o presente aparece como o momento-chave em que seria possível romper a linearidade do fluxo contínuo do tempo e recuperar o passado, detectando afinidades entre o presente e esse passado distante que não passou, ou melhor, não se perdeu e está à espera de sua redenção.

Para tanto, retomamos versos de “Saga”, poema no qual é bastante evidente seu cortejo pelas sendas da memória: “No fluir secreto da vida, atravessei os milênios.../ Vim dos vikings navegantes.../ Vim da Ucrânia valorosa.../ Vim das levas imigrantes.../ Vim de meu berço selvagem, lar singelo à beira d’água, no sertão paranaense”.

Helena Kolody, esta eterna expatriada, no entanto, não é uma aventureira e, sim, um marinheiro impossibilitado de navegar e um pássaro ferido. A expulsão do mundo exterior faz com que ela se aprofunde em si mesma para captar algo de essencial, mas encontra apenas “meus próprios fantasmas:/ vãs sombras de sonhos/ no espelho dos ecos”¹². Acaba, assim, por propor uma meditação profunda e enriquecedora sobre a natureza da pátria.

Se o espaço natal é hostil à identificação, não se permitindo reconhecer como lugar próprio, lugar de referência, outro espaço passa a seduzir com intensidade: a tradição familiar. Seu desejo de querer vagar entre vozes que escutava e às vezes não compreendia a introduz, através das lições dadas por sua avó, no universo da língua eslava. Se a identidade não se erige no reconhecimento de um local de origem, talvez ela possa ser encontrada em um tempo, um passado de origem, uma memória que o aprendizado da língua dos pais e avós possa descortinar. Ao dito, some-se “A voz das raízes” em inflexões peculiares: “Vibram-me dentro d’alma almas que não são minhas. Atrás de mim, vozeia e tumultua, anseia e chora, e ri, arqueja e estua a imensa multidão dos ancestrais”.

Tal aprendizagem representa exatamente isto: o movimento de penetrar em espaços até então desconhecidos. Poder mergulhar em uma nova língua significa ter que nomear novamente todas as coisas. E, nesse processo de nomeação, perceber que elas são outras, têm uma outra existência, um outro sentido. Abarcar o mundo com uma outra memória. Criar um outro universo. No roteiro da rememoração, o espaço passa a adqui-

12 “Sombras”, *Vida breve*, p. 23.

rir singular relevância. O passado torna-se a morada intermitente que a memória converte em arquivo a ser agora resgatado. Entretanto, depara-se, sobretudo, com a sua incapacidade, enquanto leitor/tradutor, de restabelecer com fidelidade e certeza os nexos de uma língua e de um tempo pretérito.

Ensimesmada neste mutismo multiforme, Helena se descobre estrangeira no espaço e no tempo. Na passagem contínua e sempre tateante de uma língua a outra, de uma cultura a outra, há perda de um centro, de um eixo, de um prumo. Mesmo com uma produção poética clara, se ela não pode ser autorreferencial, como compartilharemos a experiência do outro sem a “contaminação de angústias”? A resposta loquaz: na impossibilidade desconfortável de imaginar a sua nação, o exílio irreversível.

Por outro lado, na base de todas as línguas estão os corpos daqueles que se expressam. Nessa perspectiva, a noção de identidade se define, exatamente, no plano da diversidade mais aparente. É a individualidade irredutível dos corpos que faz com que eles se assemelhem. É na alteridade implacável dos corpos que reside sua igualdade. É possível destruir um corpo, atentar contra sua integridade, contra sua ação, mas jamais fazer com que ele deixe de ser outro, jamais “rasurar” sua fronteira. O eu-lírico tergiversa em “Imigrantes eslavos”: “Cabeça branca do neto. Cabeça branca do avô... Vão conversando... E se entendem numa linguagem difusa: O mesmo vago sorriso, a mesma fala confusa”.

Helena Kolody (Олега Колодій) se revela poeta da profunda e “tranquila” dramaticidade de um ser transplantado. Para todas as criaturas telúricas, com forte consciência de suas raízes, o transplante, como o amor não consumado ou a maternidade não realizada (questões tangenciadas em diversas entrevistas), torna-

se recorrentemente fonte de saudade e sofrimento. Leminski¹³ ainda destaca: “Viveu a vida toda com a mãe e as irmãs, seu tesouro eslavo de afetividade e dedicação”. A poeta é consciente da correnteza atávica, com ressonâncias de costumes ancestrais, que a une ao estrato de seus antepassados. As experiências vividas por eles somam-se às suas próprias e ganham contornos poéticos próprios. “Imigrantes eslavos”, por exemplo, atesta o crítico literário Wilson Martins¹⁴, é um “quadro chagalliano em que a poesia recupera a paisagem humana do Brasil diferente”.

A imigração delinea-se em faces socioeconômicas, políticas, afetivas e culturais que a transformam em uma realidade somente compreensível na movência de um constante reconfigurar-se. A mistura de culturas e as mestiçagens que daí resultam perturbam nossos parâmetros tradicionais de uma cultura própria, de nação inteiriça. O imigrante — o outro, o de “fora”, o forasteiro — coloca-nos diante da estrangeirice que é dele, inerente à sua identidade, mas que é também a nossa, já que a busca de uma identidade para ele não pode se dar senão em confronto com a busca da nossa própria, daquilo que nos constitui enquanto comunidade. O estrangeiro, estranhamente, nos habita sendo a face oculta de nós mesmos, o espaço que nos arruína enquanto permanência, pois a sua diferença, flagrante, manifesta-se até à flor da pele, na língua engrolada, nos hábitos tão outros — fala da diferença constitutiva de cada um de nós. Não se pode falar de identidade sem referência a algum tipo de memória e conflito.

13 “Santa Helena Kolody”, *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26 de junho de 1985.

14 *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 de março de 1994. Ideias.

As imagens elaboradas pelo imigrante participam, paradoxalmente, da construção de identidades, num entre-espaco cultural extremamente rico se assumido como sabido de si e do outro. É difícil que as criaturas que não nasceram como cidadãos desta terra e permanecem nela como “emprestados” encontrem felicidade terrestre, realização. Seu destino é a solidão, “a angústia secular de uma raça oprimida”, como diz o verso de “Atavismo”. Na apresentação de *Viburno rubro – Antologia da literatura ucraniana* (obra na qual Helena Kolody é citada como uma das colaboradoras), Wira Selanski avalia que esta angústia secularizada sinaliza os elementos oriundos de um passado distante que se desvelam profluentes nos versos de “Atavismo”: “Quando estou triste e só, e pensativa assim, é a alma dos ancestrais que sofre e chora em mim”. O tempo, no entanto, neste jogo de espera e esperança, continua a passar e vive na poeta. “Guardo latente e difusa em meu ser, a remota lembrança dos dias amargos que eles viveram sem a ansiada liberdade.” Mesmo que pareça um epílogo apaziguante de um sujeito lírico que se torna consciente da vacuidade da espera, revela-se todo o seu otimismo ao finalizar o poema: “Por isso é que eu surpreendo, em alta intensidade, acordada em meu sangue, a tara da saudade”.

As teorias de nosso tempo veem no papel das, assim chamadas, minorias uma possibilidade de contestação da abordagem historicista, linear da nação, fazendo-a escapar do constrangimento territorial e da estereotipia da identidade única e homogênea. Encontramo-nos num momento de trânsito em que figuras complexas de diferença e alteridade se formam a partir de metamorfoses espaço-temporais, encurtando distâncias e acelerando o tempo.

O “imigrante”, com sua língua madrasta, de prótese, uma dicção que indubitavelmente expressa o outro e o mesmo — seus/nossos sonhos, sua/nossa cultura, seu/nosso imaginário — erige-se como figura singular para conceitualmente captar estes espaços/tempos contemporâneos e o compósito mestiço da nação.

É preciso contar com a formulação de uma posição de enunciação migrante — emerge novamente a questão dos contornos e domínios: limites! —, na medida em que a identidade já se reveste como híbrida, ao falar e responder a partir de dois ou mais lugares, não conduzindo, portanto, a sínteses, fusões ou identidades estáveis. Na articulação de regiões, não-geográficas, a-tópicas, no exercício de transgredir fronteiras, entre rio e suas margens, esboça-se o gesto de ser. O sentido, então, desvela-se. Nos últimos versos de “Perspectiva”, a voz lírica sintetiza seus dilemas em versos marcados por ardor e nostalgia: “Eu ando sempre alerta e trago bem guardada/ a paisagem de neve oculta em meu olhar”.



Helena recebe um
exemplar de *Mar
paraguayo* (1992)
autografado pelo
autor, Wilson Bueno.

A circunstância humana: Helena de Curitiba

A lembrança da cena cheia de lirismo de seus pais lendo à luz de lampião, à noite, os versos de Tarás Chevtchenko, o mais popular poeta ucraniano, depois valsando ao redor da mesa, acompanhou Helena durante toda a sua vida. O ambiente familiar explica o seu encantamento pelos motivos eslavos. Cena do início do século XX, tempo em que o mundo ainda não era duplicado por fotos e vídeos. Ela e suas irmãs encantavam-se os espiando, à noite sonhavam observando os desenhos formados no teto pelas luzes dos lampiões, qual pêsankas a desenhar na frágil e tênue casca de ovo histórias milenares. O exílio sempre à espreita.

Eis a mesma pequena Helena, devoradora de livros de histórias infantis e amante de poesia, que também gostava de cantar poemas populares, em casa, quando cuidava de seus afazeres. Imigrante de traços marcantes, sua avó Nástia cantava baladas ucranianas, enquanto penteava os cabelos das netas, Helena, Olga e Rosinha, contava-lhes sagas e contos de fadas. Helena foi a única pessoa da família a prosseguir os estudos de língua ucraniana. Evidentemente, um escritor, antes de mais

nada, é um cultor, é um manejador de afetos, um acumulador de intuições profundas sobre vida e história.

No caso de Helena Kolody, um rico conjunto de reminiscências traz lembranças de sua infância registradas como haicais. Assim é, por exemplo, de sua origem, o sinal da cruz feito ainda com os três dedos, juntos, como se faz na Ucrânia, na representação da união entre Pai, Filho e Espírito Santo, que pode ser apreciado como um quadro cheio de significados.

Sobre esse período de sua infância, a escritora conta: “Dos 2 aos 7 anos, o mundo era meu. Em Três Barras eu podia brincar em toda parte. Era aquela infância à antiga: com pátio para brincar, terreno em frente da casa, o quintal, o rio perto [...] espaço grande e imaginação trabalhando mais fácil” (depoimento no documentário *Helena de Curitiba*).

A vida era ingênua e simples, no entanto, rica em experiências sensoriais, como evoca em “Infância”, do livro *A sombra no rio*, sua terceira obra, publicada em 1951: “Quando eu ficava horas perdidas olhando a faina das formigas que iam e vinham pelos carreiros, no áspero tronco dos pessegueiros”; “De áureas abelhas toda zumbia”; “No campo, recendente a camomila”; “No riacho claro, batiam roupas as lavadeiras, também a gente lavava trapos nas pedras lisas, nas corredeiras”; “Longínqua infância... plena de sol e cigarras!”. Sendo assim, por meio das experiências sensoriais, inventário fugidio, revela-se o olhar essencial e sublime que ela atribui aos elementos do plano material. A poeta deixa evidente que a lembrança das sensações provocadas permanece, mesmo que perdida no tempo.

A precariedade do ensino em Três Barras não impediu que

a pequena Helena, não podendo comprar livros, lesse as obras da biblioteca da classe, principalmente atraída pelas instigantes lendas de Teseu, do Minotauro, de Simbad e que, também, como a maioria das meninas naquele tempo, sonhasse ser professora. Destaque-se, a primeira obra literária com a qual Helena Kolody teve contato e que marcou o início de seu aprofundamento na leitura foi a coleção infantil *As grandes lendas da humanidade trocadas em miúdos*, lida na biblioteca do Grupo Escolar Barão de Antonina, onde estudou.

Ao processo de formação de uma escritora subjaz o processo de formação de uma leitora, nos contextos de aprendizagens informais e formais. Tais processos são reconstituídos pelos inúmeros depoimentos de Helena Kolody, registrados principalmente em entrevistas publicadas ou gravadas com tonalidades eminentemente memorialistas. Para além da anamnese, aí estão as lembranças dos estabelecimentos de ensino, dos livros preferidos e suas configurações gráficas, das matérias escolares, das características dos professores, do material de uso didático, dos métodos de ensino, das condutas disciplinares e das práticas de aquisição de leitura e da escrita.

Além das elucubrações sobre suas experiências com a escola, há contundentes marcações a respeito de suas impressões de literatura desde tempos muito remotos, muito anteriores à sua alfabetização. Sem falar nos vestígios da forma feminina de se relacionar com a leitura ou de se apropriar dela.

O curioso nessa perspectiva é como a memória significou a saída do anonimato e tornou públicas suas lembranças mais íntimas, embora a educação recebida tenha induzido ao contrário, em muitos momentos, à negação de sua identidade

pessoal, à amortização de seus desejos e sonhos ou ao decoro do esquecimento de si.

Ainda que o alvo deste ensaio não seja a relação leitura e escola, e sim como esta relação, entre outras, contribuiu na formação de uma escritora, pode-se também vislumbrar formas, estilos e conteúdos sobre a vida das mulheres na primeira metade do século XX. Além disso, também é possível verificar quais foram os sujeitos que interferiram no processo de formação da escritora, quais as imagens de leitura lembradas e o que elas representam como pistas para a reconstituição dos processos de constituição da escritora. Como fonte documental deste relato, há pistas, vestígios, indícios, fragmentos, cacos, lascas, em várias entrevistas concedidas por Helena Kolody (é preciso considerar o crivo da escritora), depoimentos de escritores, críticos, amigos e parentes — em sua maioria registrados em livros, periódicos e documentários —, correspondências, epígrafes de seus livros, seus versos e imagens.

O esforço daquela que rememora em reconstruir o passado tal como ele aconteceu não pode ser alcançado plenamente. Lembrar é uma atividade do presente sobre o passado e, por isso, sofre suas interdições e imposições, sem que a escritora consiga, de fato, evitar artifícios, interpretações, lapsos, ou seja, é uma atividade orientada pela atualidade, limitada, muitas vezes, por margens impostas, por exemplo, pelos entrevistadores, e alimentada pelas relíquias da vida pessoal. Reinvenção do passado pelo presente. As seleções entre o que rememorar e comemorar privilegiam certos aspectos da vida em detrimento de outros.

A propósito, em seus depoimentos, é possível identificar a atuação da mãe, Victoria Szandrowska Kolody, como dado fun-

damental de sua história como leitora, na medida em que esta contribuiu com um repertório favorável por meio do que lia, da partilha de seu gosto e da preferência literária transmitida, oralmente, como parte de seu legado cultural. Ligia Kolody Mammana, sobrinha de Helena Kolody, conta que a sua avó, Victoria, estudou em Viena. Naquela época, a Ucrânia estava sob o domínio do Império Austro-Húngaro, e Viena era a capital. A leitura orientada pela mãe cumpre, em muitos momentos, um papel propedêutico. No trecho a seguir é possível retomar parte daquilo que a memória conservou e tomou para ser relembrado. É uma passagem que recompõe o retrato da mãe leitora e ajuda a reconstituir, nas relações pessoais e familiares, a forma como essa personagem atuou na trajetória de vida e de leitura de sua filha.

“Lembro de mamãe recitando poemas nesta língua, porque ela lia em voz alta para a gente: ‘Pensamentos, meus caros pensamentos, eu sou infeliz convosco’ — não podemos esquecer que Tarás, autor destes versos, viveu exilado — ‘Por que se alinham no papel em fileiras tão tristes? Por que o vento não vos espalhou na estepe como pólen das flores?’ Minha mãe recitava isso em ucraniano, decorei por influência dela.”¹⁵

Esse repertório mínimo também definiu a formação de sua mãe, que chegou ao Brasil já com escolaridade completa. Não raramente, à época, as mães tinham grande influência no processo de aquisição da leitura.

A maior parte de sua infância, Helena passou na cidadezinha de Três Barras (PR). Terminou a escola primária em 1922 na

¹⁵ *Um escritor na biblioteca*, p. 23.

cidade de Rio Negro, onde foi morar com sua tia, Rosa Kolody Procopiak, que era professora do grupo escolar, considerado na época um dos melhores no interior do Paraná. Tempos da reforma escolar realizada pelo Prof. César Prieto Martinez e, conforme depoimento da escritora, a escola contava com ótimo corpo docente, o que acabou por lhe proporcionar uma boa base de ensino, alicerce dos estudos posteriores. Rosa ensinou sua sobrinha a escrever e ler em ucraniano e em português.

Sobressaem nas reminiscências de Helena Kolody evocações de afetividade. Seus depoimentos trazem vários títulos que fizeram parte de seu elenco de leituras e, como os descreve, é possível recompor boa parte de suas condições de acesso à leitura desde criança, sobretudo no âmbito familiar. Aliás, característica muito comum em depoimentos e entrevistas é o registro de fatos que transcorreram em períodos que cobrem grande parte da vida da escritora e, muitas vezes, incluem informações sobre seus antepassados. Na maioria dos depoimentos e entrevistas localizadas, Helena já contava mais de 70 anos.

“Era uma devoradora de histórias infantis. Havia, naquele tempo, uma coleção de livrinhos de capa dura — *As grandes lendas da humanidade trocadas em miúdos* — que tinham na capa uma vovozinha contando história para criança. Tudo ilustrado em policromia; ilustrações bonitas, papel fino, isso é importante, cria na criança o gosto pela estética, a apresentação do livro, então, eu lia assim, *O espelho encantado*, *Teseu*, *O herói do labirinto*, *O patinho feio*, *A história dos cisnes encantados*, *Simbad, o marujo*. Fui uma leitora apaixonada; o elemento maravilhoso, mágico, desenvolve a imaginação, o gosto pela leitura, que hoje também está tão posto para o segundo

lugar por causa da televisão; a televisão matou a leitura. [...] O meu brinquedo predileto era a leitura; eu fui uma criança assim mais solitária [...]”¹⁶ Naquela época, eu passava os finais de semana lendo.”¹⁷

A respeito, Lajolo e Zilberman assinalam que as obras escolhidas por crianças e adolescentes, via de regra, quando fora da rígida rotina escolar de leitura, “parecem responder às exigências da fantasia, pela qual articulam-se a outras de ficção ou às conhecidas por meio da transmissão oral”. O tempo da infância e da adolescência, certamente, é o tempo em que se forma o universo mítico do escritor. O fato de fomentarem a imaginação explica e reforça a necessidade dessas leituras, que, muitas vezes, podem provocar o consumo contínuo. “A clandestinidade, efetivamente, é a condição de a leitura poder se realizar sem a interferência dos adultos.”¹⁸ O que vem depois, por certo, é acréscimo.

Os depoimentos da escritora indicam a posse de impressos muito cedo e também a aquisição e a conservação de materiais de leitura em biblioteca pessoal. A existência de livros e jornais (durante um certo tempo, o pai recebia regularmente jornais de São Paulo e da Europa) em casa serviu objetivamente como condição favorável à entrada no mundo da leitura. Esta condição completou-se com o acesso a bibliotecas escolares, às de clubes e à Biblioteca Pública do Paraná, num tempo em que não podia comprar muitos livros.

Estudou desenho com Lange de Morretes, referência nas artes

¹⁶ *Cadernos do MIS*, p. 22.

¹⁷ Helena Kolody. *Série Paranaenses*, p. 38.

¹⁸ Marisa Lajolo e Regina Zilberman; *A formação da leitura no Brasil*, Ática, 1996, p. 227.

plásticas paranaenses, artista que se destacou ao captar o espírito das paisagens paranaenses; são de sua autoria, por exemplo, os pinhões estilizados que aparecem nas calçadas de Curitiba. Pelo bairro curitibano Água Verde, Helena ia a pé, “amassando lama”, trocava o sapato num comerciante perto do Grupo Zacarias para ir de sapato limpo à escola. Muitos quilômetros separavam sua casa da escola.

Desde sempre cultivou duradouras amizades. Na juventude, destaque-se a convivência com a família de Júlio Leite, irmão do poeta Francisco Leite. Suas filhas Renée e Helvídia foram as primeiras amigas que teve em Curitiba. Elas tinham em casa coleções inteiras de revistas antigas: *O olho da rua*, *Fanal* e outras, bens simbólicos que fascinavam Helena Kolody. *O olho da rua* era uma revista literária, autointitulada humorística, que circulou em Curitiba e região de 1907 a 1911. Praticava um anticlericalismo ferrenho. *Fanal* foi um periódico literário que surgiu em 1911, já apontando sinais de um modernismo nascente. Veiculou a corrente espiritualista do modernismo. “Lendo essas revistas, eu pude recuperar um passado paranaense que não possuía, por ser filha de estrangeiros. Uma espécie de reposição das raízes que me faltavam.”¹⁹

Cursou a Escola Normal de Curitiba (atual Instituto de Educação do Paraná), diplomou-se professora em 1931. De 1932 a 1937, lecionou em Rio Negro e Ponta Grossa. Devido a seu excelente desempenho e suas boas notas foi convidada a ocupar, em Ponta Grossa, a vaga do professor Erasmo Pilotto (na disciplina de Metodologia e Prática de Ensino), que dirigia a escola e fora

¹⁹ Helena Kolody. *Série Paranaenses*, p. 27.

transferido para Curitiba. Com apenas 20 anos já era professora da Escola Normal de Ponta Grossa. Pensou: como posso enfrentar isso se não tenho preparo? Resolveu estudar mais ainda. Precisou enfrentar muitos obstáculos, até críticas de quem achava que não tinha competência para assumir a vaga. Mostrou que podia superar as dificuldades. Assim, trabalhou em Ponta Grossa de 1933 a 1936. Quando deveria assumir o cargo de diretora, teve que retornar a Curitiba para atender a mãe adoentada.

Para aprimorar seu conhecimento, mandou buscar livros em São Paulo, Rio e até na Espanha, principalmente sobre a Escola Nova. Essa linha pedagógica incentiva a exaltação da natureza humana, de suas virtudes, sua bondade natural, seu poder; ideias importantíssimas em qualquer época, mas principalmente naquela, tão marcada por rupturas. Pelo decreto de reorganização previa-se que a Escola Normal funcionasse como um centro de cultura e de investigação pedagógica.

A preocupação da professora Helena creditava-se ao grande respeito de que gozava o ocupante anterior de sua cadeira: Erasmo Pilotto — suas alunas foram anteriormente alunas dele. Aliás, o mesmo Pilotto dirigiu os quatro primeiros números da inovadora revista *Joaquim* (de Dalton Trevisan), de abril a setembro de 1946; logo depois, foi nomeado Secretário Estadual de Educação e Cultura. Helena Kolody conta que, muitas vezes, deixou de ir a reuniões festivas e passeios para estudar. Em mente, sempre, a responsabilidade de ensinar e o amor ao magistério.

No tempo de Ponta Grossa, em 10 de setembro de 1936, o jornal *Diário dos Campos* estampava em sua primeira página: “Congresso de Honra — vibrantes palavras do chanceler Hitler”;

“Os integralistas confessam — estavam se armando, mas para combater o comunismo”. No mesmo exemplar, seu diretor, José Hoffmann, anuncia a criação da “Página Feminina” em “um ligeiro preâmbulo: esta página espelhará, pálida e modestamente, a alma pulchra da mulher ponta-grossense”. A esta, seguiram-se mais oito páginas coordenadas por Helena Kolody, em nome do Centro de Cultura Feminina: 17 de setembro, 24 de setembro, 1 de outubro, 8 de outubro, 29 de outubro, 5 de novembro, 19 de novembro e 17 de dezembro. Observe-se que, após este período, Helena Kolody foi nomeada para a Escola Normal de Curitiba. Curiosamente, à exceção da própria Helena, de Anita Philipovsky — na época já consagrada — e de Emília Dantas, todas as demais escritoras, em sua maioria professoras ponta-grossenses, assinavam usando pseudônimos: Branca de Neve, Cinderela, Ranzinza, Chiffon, Brasileira, Mike, Flor de Lótus, Muriel, Espanholita, Satanela, Tia Bilu, Ming-Toi; outras, apenas as iniciais: GIP, LPM, CL.

A “Página Feminina” do *Diário dos Campos* acabou se configurando num dos registros mais categóricos da estada de Helena Kolody em Ponta Grossa, onde morou por quatro anos. Foi transferida em 1937 para a Escola Normal de Curitiba. Só no Instituto Estadual de Educação, em Curitiba, na época índice de ensino de qualidade, lecionou por cerca de 23 anos.

Iniciou seus exercícios poéticos, no ano de 1924, em Mafra, no entanto, acanhamento e autocrítica não permitiram que mostrasse e nem conservasse esta produção inicial. Tempo de amores platônicos. Resignada, não acreditava que a amassem, achava-se gordinha. Publicou seu primeiro poema, “A lágrima”, em 1927, em Curitiba, na revista *O Garoto*, considerada uma publicação pré-

modernista e fundada pelo jovem filho do cônsul de Portugal. Na época, com 16 anos, Helena lia muito Olavo Bilac e os simbolistas. Rindo, lembra que ganhou de um professor um exemplar do *Tratado de versificação* de Olavo Bilac e Guimarães Passos para aprender métrica para fazer sonetos. Não chegou a terminar de ler o livro, pois chegou à conclusão de que se fosse acompanhar tudo o que o tratado ensinava jamais faria poesia na vida.

Nunca negou que escolheu o magistério motivada pelo impulso da vocação, e que a poesia fora, como sempre afirmava, imperativo psicológico. Preparava com esmero suas aulas e pegava o ônibus sonhando com poesia. A alma da professora florescia na poesia. Em entrevista admitiu: “A poetisa nasceu em mim antes da professora. No alvorecer da adolescência, que é como um novo nascer, senti necessidade de fazer versos, mesmo sem saber fazê-los. Nunca os mostrei a ninguém. Mais tarde, destruí-os, o que hoje lamento. Nos primeiros livros, os poemas eram mais espontâneos, mais descritivos, com vivas tonalidades emocionais”.²⁰

Em 1939, foi fundada a Academia José de Alencar, em Curitiba. O Prof. Aníbal Calderari, diretor do Colégio Parthenon, cedeu o salão nobre do estabelecimento para suas reuniões semanais. Todos os domingos, pela manhã, reuniam-se pessoas de diferentes faixas etárias para falar de literatura. Helena conta que cada um lia o que o outro escrevera, ouvia a leitura do trabalho dos outros e discutia o que havia sido feito. Ela saía da reunião vibrando, motivada pelo convívio com os outros do mesmo *métier*. A presença de associações literárias marca novos espaços de mediação, de acesso e de socialização de textos e impres-

20 *Sinfonia da vida*, p. 37.

sos. São espaços, antes de tudo, de encontro, de comemoração e de instrução. Nesta época, começa a receber o incentivo, muitas vezes público, do jornalista João Batista Carvalho Oliveira, o Rodrigo Júnior. Cassiana Lacerda Carollo registra que Rodrigo Júnior, incentivador de talentos, costumeiramente, recebia em sua biblioteca Helena Kolody e Dalton Trevisan.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, a cidade viveu anos de inquietação. Para os imigrantes e seus descendentes, a angústia era ainda maior, já que muitos amigos e parentes estavam em territórios severamente castigados. Na época, a maior preocupação da família Kolody era que o irmão de Helena, José, fosse convocado para ir à guerra, o que acabou não acontecendo com o final do conflito armado. Naqueles anos, havia filas para compra de alimentos. “A primeira, em Curitiba, foi a fila do pão”, lembra Helena. “Faltava tudo na cidade e os produtos que havia eram muito caros. Lembro-me que o [mercado] Abage comprara um navio de trigo e eram enormes as filas para adquirir seu pão.”

Outra lembrança de Helena diz respeito a uma aluna judia: Raquel. “Eu era professora do Instituto, na década de quarenta, Raquel fora sempre uma boa aluna. Passara a ficar tensa e não ir bem nos estudos. Quando questionei a razão, explicou que a sua família vivia na Alemanha e há tempos não recebia notícias. Um dia fui procurada por ela, contou-me que toda sua família havia sido exterminada num campo de concentração nazista.”²¹

No início da década de 1940, Helena Kolody participou como colaboradora assídua na *Marinha... Revista do litoral paranaense*, de Paranaguá, apadrinhada pelos escritores Rodrigo Júnior e Ilnah

21 Em depoimento a Emildo Coutinho. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 11 de dezembro de 1992, p. 7.

Secundino. O periódico prestou grande serviço de divulgação de valores, principalmente das letras estaduais, conseguindo mesmo levar para as suas colunas figuras de projeção nacional, como Tasso da Silveira, Plácido e Silva e Leôncio Corrêa. Foi ali que a poeta, muito jovem, começou a despertar a atenção do público e da crítica, assinando versos em que se denotava a expansão de uma sensibilidade única, não contagiada por nenhuma preocupação de exibicionismo e de exagerado modernismo, o que poderia acabar insensibilizando a suavidade de determinadas imagens e o poder de tocar fundo os temperamentos mais resistentes.

Apesar da participação inaugural no *Diário dos Campos*, a *Marinha...* tornou-se o primeiro veículo de divulgação de fato da jovem escritora graças à abrangência da distribuição do periódico, inclusive para além das fronteiras do país. Foi também pela *Marinha...* *Revista do litoral paranaense* que seus primeiros livros foram, pela primeira vez, resenhados. O nome de Helena Kolody constou, por anos, no corpo dos colaboradores permanentes do periódico.

O primeiro livro foi preparado em segredo, pois seria uma surpresa para o adorado pai, em seu aniversário de 60 anos. Meticulosa, Helena cuidou pessoalmente de sua publicação, desde a escolha (e compra) do papel até a seleção dos tipos gráficos, da criação da capa ao livro costurado, determinando com muita segurança suas opções. Com tiragem de 450 exemplares e publicado às próprias expensas, custou-lhe quinhentos contos de réis. A obra foi publicada pela gráfica do antigo Liceu Industrial do Paraná, hoje Universidade Tecnológica Federal do Paraná, com apoio, novamente, do poeta Rodrigo Júnior. A ilustração da capa é de Helvídia Leite.

Paisagem interior (1941), que reúne poemas escritos no decurso de dez anos, acabou virando homenagem póstuma, já que Miguel Kolody falecera dois meses antes do aniversário. Quase cancelou a publicação por desgosto, no entanto, as amigas Lília Carrano Robine e Zeny Carrano de Almeida instaram para que o publicasse. Movida por profundo pudor de alma, enfraquecida pelo luto, escondeu-se durante algum tempo após o lançamento da obra, em Rio Negro, temendo uma recepção desfavorável de leitores e crítica. A obra, anos depois, é referida por Paulo Leminski como “seu primeiro buquê de poemas”.

A morte do pai, Helena confessa, gerou um clima de saudade mas também de insegurança que repercutiu em seus livros seguintes. As dificuldades de ordem financeira acarretaram inúmeras mudanças residenciais ao longo de quase quatro décadas. Ao primeiro endereço, ainda gerenciado pelo pai (Rua Itupava esquina com Rua Sete de Abril, Alto da XV, na época um carroiro na periferia da cidade), seguiram-se: Rua Presidente Faria, frente para a Rua São Francisco, nos fundos do prédio central da Universidade Federal do Paraná, Praça Santos Andrade; Rua Comendador Araújo, Centro, onde ficava o Clube Thalia e hoje está o Supermercado Mercadorama, a casa pertencia ao escritor Andrade Muricy. Quando aí morava, faleceu o pai, de infarto, sucedendo-se dificuldades para a família. Mudaram-se para a Rua Carlos de Carvalho, esquina com Brigadeiro Franco, ao lado morava Bento Munhoz da Rocha, que mais tarde foi governador do Estado. Na sequência, Rua Treze de Maio; Rua Fernando Amaro, entre a Tamandaré e a José de Alencar, a casa tinha um lindo jardim, coberto de roseiras trazidas de Joinville e outras plantas, cujas mudas vieram de São Paulo. A residência acolheu

as brincadeiras dos sobrinhos. Depois, Rua Paula Gomes. Entre 1961 e 1969, Rua Dr. Muricy, 839, Edifício São Bernardo, Centro, décimo andar, ap. 1001, no qual vizinharam Paulo Leminski e Alice Ruiz (ap. 1003). Moraram ainda, por apenas um mês, na Rua Voluntários da Pátria, Edifício Reinaldo Thá, esperando a conclusão de reparos no Edifício São Bernardo. Em 1969, finalmente, compraram o apartamento da Rua Voluntários da Pátria, 11, ap. 901, Ed. Vila Rica, Centro, mudaram-se logo que o prédio foi concluído. Aí Helena residiu até falecer, em 2004.

Ao pisar e repisar suas experiências, a cidade invade as entranhas da poeta e a reinscreve no pulsante cartograma citadino. A onipresença da movediça territorialidade emerge, mesmo que ainda incipientemente, desde seus primeiros trabalhos. Tema que está na ordem do dia, falar sobre a cidade é tarefa bastante instigante. Traçar um mapa do imaginário fragmentado de uma cidade, realmente, contribuiu para desenvolver o seu cosmopolitismo, já que todas as viagens, literárias, imaginárias ou reais tornam o viajante mais cidadão. A escritora Helena Kolody mapeou uma cidade polifônica, exorbitantemente eloquente: Curitiba. Cidade modelada em palavras e imagens. Nem tão por acaso, coloca em nossas mãos uma ansiedade: sua carta desestabiliza em vez de colocar ordem nos espaços, gera travessias desvanecentes que orientam a busca da poeta: a Helena de Curitiba, embora nascida em Cruz Machado e com raízes muito profundas na Ucrânia.

O encontro da poeta com a cidade indicia-se quando ela ronda, busca, volta, caminha, persegue, cruza, procura e encontra a cidade em suas estranhas entranhas: a cidade que respira e que a (ins)pira. Vale dizer, insinua-se nas sinuosidades que traçam um percurso, nada ortodoxo e para lá de imaginário, do

Alto da XV a Boca Maldita. Com base neste tipo de analogia, que acaba investindo também no estranhamento, a cidade refletida por Helena é o seu caminho, ainda que as ruas não sejam as mesmas, deem em becos sem saída e por isso mesmo encontre o seu “não-lugar”, justificativa para a sua existência.

Paradigmático no reporte aos primeiros trabalhos da escritora, o poema “Elogio do poeta” integra a obra de estreia, *Paisagem interior*, e foi mantido (acrescido de sutis modificações) no livro *Viagem no espelho*, de 1988, lançado pela Criar Edições e, a partir da segunda edição, pela editora da UFPR, antologia em que a escritora selecionou o que considerava mais significativo de cada um de seus livros anteriores. A obra, uma edição de Roberto Gomes — que já fora seu editor pela Criar Edições —, apresentou-a ao país. Narrativa em versos, “Elogio do poeta” também retoma uma concepção, aliás, muito comum naquela época, da crença na singularidade da manufatura poética e na sua ressonância universal, subliminarmente evoca o argumento da excepcionalidade dos poetas. Com essa convicção, a poeta escreveu: “Penetrou o profundo ignoto de si mesmo e bebeu água viva, emanção perene da fonte interior”.

Paisagem interior recebeu muitas e generosas apreciações críticas pela imprensa escrita. Muitas delas foram colecionadas pela própria autora em um álbum de “reliquias”, com capa avermelhada de couro, constando em dourado seu nome e a data: 12 de outubro de 1945. De Euclides Bandeira, escritor, participante do movimento simbolista, particularmente contrário à corrente liderada por Tasso da Silveira e Andrade Muricy, fundador do Centro de Letras do Paraná, recebeu uma avaliação, por carta, mais tarde reproduzida no jornal *Gazeta do Povo*. Nela anteci-

pa seu vanguardismo, a intensidade de seus sentimentos e suas inquietações:

“Muitos dos poemas já me eram conhecidos, sendo que de alguns guardara lembranças a título de obras-primas; encantou-me, porém, reencontrá-los agora no formoso volume, ao lado de outros igualmente característicos, traduzindo, na amplitude da técnica modernista, atributos específicos da psique eslavica. Reporto-me, no ponto, a ‘Atavismo’, que é autobiografia espiritual, e onde a autora, evocando os antepassados da estepe, sente acordada em seu sangue ‘a tara da saudade’”.²²

Bandeira, em sua avaliação, ainda destaca os procedimentos artísticos idealizados por Helena Kolody para o desvelar dos atributos raciais, frisando que a escritora é singular em nosso universo literário, muito mais propenso a paisagens exteriores. O escritor e jornalista Rodrigo Júnior desde o início orientou Helena a que evitasse o verso alexandrino. Grande incentivador de novos talentos e promotor cultural, Rodrigo Júnior, com entusiasmo, apresenta *Paisagem interior* quase como uma tela executada por uma verdadeira técnica em pintura:

“Cinco versos, apenas cinco versos, de um sintetismo, uma limpidez, uma perfeição clássicas! E de uma beleza moral, no fundo, admirável! Helena Kolody é um espírito independente em arte, não se apega a cânones estéticos, não se submete à imposição de preceitos ou regras escolásticas. É que a sua argúcia aquilina compreendeu, de certo, que, tanto o modernista, como o post-modernista, se possuidores de legítimo talento, já conseguiram libertar-se das etiquetas e dos formulários”.²³

22 “Paisagem interior”, *Gazeta do Povo*, 21 de fevereiro de 1942, p. 9.

23 *Diário da Tarde*, Curitiba, 21 de janeiro de 1942, p. 4.

O crítico literário Jorge Moreira Nunes dedica-lhe uma coluna destacando as potencialidades e as singularidades da escritora que fascinam seus interlocutores até hoje: “Não me lembro agora quem foi, mas alguém já disse que basta um único verso para revelar um poeta. Em *Paisagem interior* há não apenas muitos versos, mas inúmeros poemas que revelam um poeta verdadeiro, alguém que tem algo para dizer, e não um mero arrumador de estrofes e palavreado oco. Muitos deles são definitivos”.²⁴

Fanny Luiza Dupré, também poeta, haicaísta, evoca a sua personalidade vibrátil: “Vive e vibra a grandiosa e profunda poetisa patrícia, reflexo de uma superior intelectualidade, em *Paisagem interior* e *Música submersa*. Soube expressar o pensamento, com maestria, nos mais belos poemas, em versos que confirmam incontestável valor artístico”.²⁵

Helena lembra, em entrevista a Valfrido Pilotto, que os poetas da “velha guarda” daquele tempo lamentaram sua paulatina libertação do metro e da rima, o que, de certa forma, a princípio muito a incomodou. Naquela época, ainda imperava o soneto. Entre seus primeiros incentivadores, destaca a escritora Ilnah Secundino, fundadora do Centro Paranaense Feminino de Cultura em 1933, em cuja casa sempre se reuniam os intelectuais, entre outros, Heitor Stokler, Eolo Cesar de Oliveira e Rodrigo Júnior. Mas, efetivamente, a crítica abalizadora de Andrade Muricy foi sempre a mais lembrada por Helena Kolody.

Recebeu o aplauso e a orientação de Andrade Muricy, crítico literário e musical brasileiro, autor de obras de ficção, ensaios, crítica literária e musical. Muricy, embora radicado no Rio de

²⁴ “Fala um leitor”, *Unidade* (Revista), Rio de Janeiro, 1942, p.11.

²⁵ *Tapejara*, n. 9, 1953, p. 15.

Janeiro, sempre atuou intensamente nas esferas culturais do Paraná. Helena era muito amiga das irmãs do crítico e, por diversas vezes, as visitou no Rio, acompanhada pela mãe, Victoria. Sua criteriosa palavra de teórico da literatura muito a ajudou. Foi ele quem lhe chamou a atenção para o seu espírito de síntese, de brevidade, ressaltando que seus melhores poemas eram os pequenos, que nos poemas curtos Helena chegava mais a seu objetivo. “Isso serviu para me abrir os olhos para uma qualidade que eu não sabia que tinha”, afirmou em entrevista a Paulo Venturelli.

Foi através de um livro de Andrade Muricy, *A nova literatura brasileira – Crítica e antologia*, publicado em 1936, que Helena descobriu Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade (escritores que marcam indelevelmente qualquer leitor sensível), com quem, inclusive, trocou correspondência e afagos. Lembrar que, até então, a escritora tivera contato apenas com autores considerados parnasianos e simbolistas (o movimento simbolista no Paraná teve muita força, notadamente em Curitiba). A assunção do deslocamento em relação à concentração das atividades literárias no Rio de Janeiro e São Paulo atua como catalisadora de algumas questões fundamentais para delimitar sua identidade sem fronteiras. Ao ser questionada por Paulo Venturelli sobre “ser poeta fora do eixo Rio-São Paulo”, a escritora falou sobre as dificuldades vivenciadas:

“Agora não sei, porque estou afastada, na posição de quem observa. Mas antes eu sentia uma tendência para se passar por cima do Paraná e tudo ia parar direto no Rio Grande do Sul. Aqui, éramos sempre esquecidos. Até quando fazem previsão do tempo na tevê, ignoram a gente, talvez seja porque o Paraná antigamente fazia parte de São Paulo, não tinha autonomia,

ou então, isso é resultado dos próprios paranaenses que não se prestigiam. O doutor David Carneiro foi muito censurado por ter feito uma espécie de psicologia do paranaense e averiguar que nós não damos valor ao que fazemos. Certamente isso está mudando, mas antes, só tinha valor o que vinha de fora. Não havia olhos para os daqui, sempre vistos pelos defeitos que apresentavam”.²⁶

Toda a poesia de Helena Kolody é marcada por uma sensível percepção de mundo, de realidade, em versos marcados por delicadeza, sensibilidade e arte. Arte pura, simples, que transcende e que cria vida na espontaneidade dos versos, cheios de observações. Aí a superioridade de sua arte: cantar a vida em todos os seus múltiplos aspectos com elegância, sobriedade e traço característico de sua personalidade artística — simplicidade. Curiosa é a sensibilidade com que cercou a sua vida; como ela mesma o diz em seu “Rio de planície”: “Minha vida é um largo rio de águas mansas [...] rio, cujas águas passarão sem deixar memória da sua silenciosa trajetória”.

Há, na vida da escritora, um desprendimento completo das paixões exacerbadas e da existência faustuosa; sua vida sempre foi pautada por um comportamento reservado de quem busca ficar longe dos holofotes. Desde muito menina, foram inúmeros os problemas de saúde que a acometeram. Aos 5 anos contraiu a gripe espanhola. Sofreu, ainda, de artrose, doença ciática, anemia, erisipela, catarata, problema de garganta e nas cordas vocais. No entanto, era alegre, expansiva e gregária.

Daí talvez a introspecção, o subjetivismo e a grande compre-

26 Helena Kolody. Série Paranaenses, p. 31.

ensão das imperfeições humanas, e, conseqüentemente, a tolerância para tudo e a bondade com todos que a procuravam. Em junho de 1943, a propósito, para curar-se de problemas respiratórios, submeteu-se a um tratamento médico com a afamada água sulfurosa da Fonte Santa Terezinha, em Castro.

Acompanhada pelas irmãs Olga e Rosinha, hospedaram-se na casa de Maria das Dores Barbosa, mais conhecida como Nhá Mariquinha ou Nhá Marica, avó de duas amigas de Helena. Nhá Mariquinha, benzedeira e contadora de causos, era pessoa muito conhecida em Castro. Helena, discretamente, decidiu tomar nota de tudo. Os relatos da anciã aconteciam a qualquer hora, principalmente perto do fogão, onde gostava de ficar para se aquecer, em especial nas noites de frio. Nesses momentos, era comum Helena recitar seus poemas.

A visita e as entrevistas se repetiram em janeiro de 1944.

Estas histórias renderam um livro publicado décadas depois, em 2002, *Memórias de Nhá Mariquinha*, único livro em prosa de Helena Kolody, ressalte-se, não poderia ser diferente, prosa muito poética. Judith Carneiro de Mello, até há poucos anos diretora do Museu do Tropeiro, em Castro, patrocinou a publicação da obra — bem mais que relicário de família. O belo casarão que hospedou a escritora pertencia ao então prefeito de Castro, Vespasiano Carneiro de Mello, pai de suas amigas.

A respeito da obra, cerca de dez anos antes da publicação, Helena comenta: “Enquanto eu fazia o tratamento com aquela água, ela ia me contando a vida dela e eu fui escrevendo tudo, porque ela tinha vivido coisas saborosíssimas, coisas do tempo antigo. As minhas amigas guardaram aquilo e repassam entre si. Na verdade, não é uma obra literária, é apenas um levantamento

de uma época e de uma vida”. Com a modéstia que lhe era muito peculiar, minimizou o valor da obra em depoimento a Venturelli.

Muito embora seja notório que a ficção trabalha melhor a verdade do que a simples reminiscência, não há como ler a poesia de Helena Kolody apenas com a lente da abstração, já que sua lista de procedimentos não economiza contornos e características nos quais, visceralmente, ela está imersa.

Algumas de suas memórias são entrecortadas pelas memórias de leituras que podem, por vezes, ser reveladas por meio de epígrafes e citações de textos da literatura nacional e estrangeira. No livro *A sombra no rio* (1951), por exemplo, selecionou para a epígrafe um trecho do escritor inglês Charles Morgan: “Eu, ontem, pousei na árvore da morte,/ Mas o vento do mundo arrebatou-me vivo/ E no tristonho pousou da gaiola/ Vi-me, de novo, pássaro cativo”.

Para o livro *Trilha sonora* foram selecionadas duas epígrafes. A primeira, de Tasso da Silveira, e a segunda, do poeta americano T. S. Eliot: “Neste trânsito breve onde os sonhos se cruzam/ No crepúsculo cruzado de sonhos entre o berço e a mortalha/ (A tua bênção, Pai) ainda que eu não deseje desejar estas coisas,/ Da janela tão larga para a praia granítica/ As velas brancas inda voam para o mar, pelo mar afora voam,/ Asas intactas”.

Seus primeiros livros — *Paisagem interior*, *Música submersa*, *A sombra do rio* — incluem poemas mais longos e influências que determinaram um tipo de ritmo preso ao tratamento do metro fixo, razão pela qual Helena Kolody refez alguns de seus primeiros textos, com vistas à edição de *Viagem no espelho*, buscando maior leveza e concisão. É fácil perceber o sentido da retomada dos versos pelo conceito de poesia defendida por Helena:

“Poesia é um jogo difícil, ainda que tenha momentos lúdicos de prazer. É como o que você não consegue armar, não consegue vencer. Às vezes não era aquela que você quer. Então eu burilo, trabalho, suado, para chegar onde quero”²⁷.

Tasso da Silveira também ressaltará em Helena Kolody o amor profundo ao vocábulo, pontuando que o vocábulo é o plasma virgem em que o poeta modela seu mundo de beleza. Em *A estante*, referencial revista de bibliografia e cultura, publicada nos anos 1950 no Rio de Janeiro, o escritor interpela: “Mas que pretende Helena Kolody com esta poesia sem artificios, sem palhaçadas, sem enigmas pitorescos, sem charadas novíssimas — no momento em que tudo isso é que constitui poesia no Brasil? Mas que pretende Helena Kolody com essa poesia feita de experiência real, de comoção verdadeira, de substância eterna de vida — deste momento brasileiro de poesia ‘inventada’?”. Ele reconhece em *A sombra no rio* “a poesia feita de experiência real de comoção verdadeira de substância de eterna vida”.

Seu poema “Renúncia” resume bem como Helena, ponderada e prudente, lidou com a questão amorosa. No dia 9 de abril de 1945, sua irmã, Olga Kolody e o astrônomo chileno Carlos Muñoz Ferrada casaram-se, na casa da Rua Carlos de Carvalho, no mesmo dia em que Helena Kolody noivou com o também escritor Herbert Munhoz van Erven (1908-1985). O noivado foi desfeito dois meses depois, já que a escritora entendeu que a vida boêmia de Herbert poderia transformar o encanto do sentimento em decepção e amargura, confessou à amiga, também escritora, Adélia Maria Woellner.

²⁷ Helena Kolody. *Série Paranaenses*, p. 46.

Consta, foi seu único amor.

Herbert era militar. Autor de diversos trabalhos sobre a história regional, biografias e ensaios sobre literatura. *Poemas do amor impossível* tem versos que, segundo seu editor Roberto Gomes, a poeta teria dedicado à grande paixão de sua vida. No poema “Renúncia”, há um sujeito lírico para o qual a realização amorosa só se efetiva como desígnio, tenção, projeção: “Heroica e silenciosa, ignorada e sem glória, a renúncia, no amor, é a suprema vitória”. No entanto, destaque-se, a espera materializa o amor, isso, em sua concepção, já é vida.

A escritora, em muitas oportunidades, enfatiza que, por seu temperamento muito amoroso, certamente teria se dedicado inteiramente à família se tivesse casado. No entanto, religiosa convicta, atribui a Deus a decisão de concentrar suas energias na escritura, na atividade poética e no magistério. Por diversas vezes mencionou o sonho de ser mãe que acabou por sublimar no amor aos seus irmãos e às suas centenas de alunas.

Este, provavelmente, também pudesse ser elencado como um dos argumentos mais contundentes para a compreensão do profícuo e rico relacionamento por correspondência com escritores, críticos, leitores e amigos. Com data de 29 de março de 1946, por exemplo, Helena Kolody recebe de Carlos Drummond de Andrade um agradecimento: “Venho agradecer a amável oferta de um exemplar de seu livro *Música submersa*, onde fui encontrar, com alegria, poemas como ‘Fio d’água’ e ‘Pereira em flor’, em que à expressão mais simples e discreta se alia uma fina intuição dos imponderáveis poéticos.”.

Realmente, o processo que torna Helena Kolody a poeta da pureza e da simplicidade associado à síntese do hai-

cai pode ser acompanhado nos versos que foram destacados por Drummond.

“Fio d’água”

Não quero ser o grande rio caudaloso
Que figura nos mapas.

Quero ser o cristalino fio d’água
Que canta e murmura na mata silenciosa.

“Pereira em flor”

De grinalda branca,
Toda vestida de luar,
A pereira sonha.

Pouco depois, recebe de Manuel Bandeira (em meio às comemorações dos 60 anos do notável escritor) pequeno cartão em que ele a cumprimenta e agradece pela oferta dos lindos versos de *Música submersa*. Na sequência, em 28 de junho de 1946, e do mesmo Rio de Janeiro, na época Capital Federal, chega correspondência de Cecília Meireles: “Helena Kolody: são muito razoáveis os propósitos expressos em sua última carta, e desejo-lhe pleno êxito. Em agosto, parece que irei ao Paraná, para duas conferências, segundo me acaba de comunicar o Dr. Muricy. Espero, nessa ocasião, ter o prazer de conhecê-la e de conversar com calma sobre esses assuntos”. O encontro acabou não acontecendo, conforme demonstra outra carta de Cecília Meireles para Helena Kolody, datada em 25 de dezembro de 1946: “Cara

Helena Kolody: acabo de receber seus votos de Boas Festas, os mesmos que lhe faço com fervoroso carinho. Foi pena não nos termos encontrado este ano, mas decerto nos encontraremos breve, e então conversaremos sobre essas coisas de espírito a que se dedicam as nossas vidas. Sempre que houver rosas, dê-lhes lembranças minhas. E, quando escrever seus poemas, pense que eu os lerei como se contemplam rosas”. Elas nunca se encontraram pessoalmente. Certa vez, em uma visita ao Rio de Janeiro, Helena a viu em uma livraria, invariavelmente humilde e discreta, não teve coragem de se aproximar.

De Waldir Ayala (Rio de Janeiro, *Jornal do Commercio*, 30 de janeiro de 1962), passando por Raul Gomes (Curitiba, *Diário Popular*, 17 de junho de 1979), Aramis Millarch (Curitiba, *O Estado do Paraná*, 23 de março de 1988), Paulo Leminski (São Paulo, *Folha de S.Paulo*, 25 de junho de 1988), João Manuel Simões (Curitiba, *O Estado do Paraná*, 1º de fevereiro de 1989), Paulo Venturelli (Helena Kolody, Ed. UFPR, 1995) e Miguel Sanches Neto (Curitiba, *Gazeta do Povo*, 8 de abril de 2008), foram muitos os escritores, pesquisadores, jornalistas e críticos literários que ladearam Cecília Meireles e Helena Kolody. Ambas simbolistas por formação, viajantes por poética natureza e com indefectível apelo à transcendência espiritual.

Quando se aposentou do magistério, Helena já havia publicado cinco livros: *Paisagem interior* (1941), *Música submersa* (1945), *A sombra no rio* (1951), *Trilogia* (separata da antologia *Um século de poesia*, lançada pelo Centro Paranaense Feminino de Cultura — 1959) e *Poesias completas* (reunindo seus três primeiros livros — 1962), este último publicado por seus alunos em sua homenagem. *Paisagem interior* classifica-se em segundo lugar no

Concurso de Poesia promovido pela Sociedade de Homens de Letras do Brasil, sediada no Rio de Janeiro. *A sombra no rio* recebeu o terceiro lugar no Concurso de Livros do Centro de Letras do Paraná e o Prêmio Ismael Martins; foi publicado em 1951 pelo Centro de Letras do Paraná.

Justamente no período posterior ao último livro inédito, já que os dois últimos são novas edições dos anteriores, um intervalo de silêncio se fez, ficou de 1951 a 1964 sem escrever. Treze anos sem escrever uma linha sequer. O que acabou servindo de divisor de sua obra em duas fases distintivas: a primeira mais lírica e a segunda, mais filosófica. “Eu não escrevo quando quero, não procuro a poesia, é ela que me procura. Para mim a poesia é um estado de graça, quando vem a inspiração fico aérea, vivo um sonho de palavras. Não tem hora para acontecer, de repente começo a sonhar em palavras. Aí tenho que estar disponível, sozinha, e tenho que escrever, senão o poema se perde. Posso dizer que nestes momentos estou em estado de graça”²⁸.

Autocrítica e muito sensível à crítica, Helena colecionou meticulosamente, durante a vida toda, as matérias publicadas a seu respeito; as primeiras, as mais significativas e algumas cartas compõem álbum organizado por ela. Para que se perceba o nível de importância dada às críticas a seu trabalho, por causa de alguns comentários, abalada, deixou, por exemplo, de compor haicai por anos. Só voltou ao caminho do gênero por incentivo do escritor Paulo Leminski, estudioso do assunto.

“Sou tão sensível à crítica que, muitas vezes, por causa de certas coisas que foram ditas, deixei de fazer haicai. Eu não con-

²⁸ Depoimento no documentário *Helena de Curitiba*, Direção: Josina Melo.

fio em mim, não tenho segurança no que faço. Ainda hoje. Veja, não sei quem foi, mas alguém falou que *Ontem agora* (1991) é um livro de circunstância. Eu já fiquei com medo de voltar a escrever.” Quando concedeu essa entrevista a Paulo Venturelli, Helena contava 82 anos. Publicou *Reika* por insistência de Regina Benitez, ex-aluna de Helena Kolody e, na época, responsável pelo Setor de Editoração da Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, que lançou a obra.

O escritor Paulo Leminski muito a estimulou. Ainda jovem, começando a escrever, falou de seu espanto por Helena já fazer haikai em 1941. Ele estava acabando de descobrir este tipo de poesia. Leminski estudou o japonês para melhor entender a essência da poesia japonesa. A amizade com Leminski começou quando foram vizinhos no Edifício São Bernardo, Rua Dr. Muricy, Curitiba, na década de 1960. Helena já era autora de uns dez livros e Leminski tinha cerca de 20 anos. Convém observar que a trajetória de Paulo Leminski guarda paralelos com a trajetória de Helena Kolody. Ambos trabalharam como tradutores, como professores, apesar da origem ucraniana (de Helena) e polonesa (de Leminski), ambos mergulharam na cultura oriental.

Novamente emerge a temática da fronteira, do confronto de limites para além dos geográficos, dos políticos. Segundo destaca o crítico literário Miguel Sanches Neto²⁹, é a partir de Leminski que Helena Kolody sofre um processo de positivação nas letras paranaenses e brasileiras. “Ela é em si um poema como ser humano, dessas raras pessoas que fizeram do ofício de viver uma arte”, declarou Wilson Bueno. Com Helena, segundo o jornalis-

29 Depoimentos de Miguel Sanches Neto e Wilson Bueno em *Helena de Curitiba*. Direção: Josina Melo.

ta Zeca Corrêa Leite, “surge uma das mais límpidas poesias do Brasil de hoje. Poesia extremamente comprometida com a vida, porque a poeta é a vanguarda da vida”³⁰.

Quanto ao processo de criação, a “professora de Biologia” Helena Kolody expõe: “Escrevo por prazer. Às vezes, meus poemas afloram por inteiro. São os que chamo vivíparos (olha aí o meu vocabulário de professora de Biologia). São os melhores e geralmente estavam hibernando dentro de mim”. “Sempre madrugada” é o poema citado por ela: “Para quem viaja ao encontro do sol, é sempre madrugada”.

Outros, segundo ela, podem levar até dois anos para serem gestados, os poemas ovíparos, é só um núcleo que amadurece lentamente. Nesse caso, o exemplo é “Dom”: “Deus dá a todos uma estrela. Uns fazem da estrela um sol. Outros nem conseguem vê-la”.

Os dois poemas foram publicados, respectivamente, em *Sempre palavra* e *Poesia mínima*, obras nas quais Helena Kolody aborda, com rara sensibilidade e o predomínio de formas poéticas breves, a metapoesia e a metalinguagem. Tudo o que Helena diz é poesia, quer pela forma rica e imprevisível, quer pela densidade da emoção, quer pela sutileza da intuição, ou ainda pela raridade da observação.

“Dom” é um de seus poemas mais citados. Helena conta que quando este poema nasceu, era só o primeiro verso. Dormiu dois anos em sua “gaveta de sapateiro” — gaveta em seu escritório em que guardava alguma ideia que aparecia, entre outras coisas, e em que também a escritora escondia por uns tempos os tex-

30 “Helena Kolody: 80 anos de poesia”, *Folha de Londrina*, 11 de outubro de 1992.

tos que não julgava suficientemente bons para virem a público. Guardou e esqueceu. Quando mais tarde o retomou, percebeu o que estava evidente: nem todos veem a sua estrela. Então trabalhou na ideia. E acabou fazendo o segundo verso assim: uns fazem dela, mas não gostou do “faz dela”. Precisava experimentar outras fórmulas e chegou a este resultado que é o poema que temos hoje. Perfeccionista, assume que nunca fica satisfeita com o que faz e procura sempre aprimorar. Por vezes, volta a formas antigas para se experimentar.

Para Helena, o nascimento de um poema vem da inspiração, de um momento, de um estado de poesia. A maior parte de sua obra foi produzida na escuridão da noite. Por isso, tinha como companheiros de cabeceira um bloco de anotações e uma caneta. Aliás, rascunhar era uma prática usual da escritora, quer para publicações, quer para correspondências, quer, ainda, para as tarefas do dia a dia. No tocante aos textos de natureza literária, segue-se o burilamento, procedimento que antes não adotava. O seu burilar significa, principalmente, cortar, o que sempre exige o debruçar-se sobre rascunhos. Muitos poemas antigos foram reduzidos, reescritos, decantados. Ao mesmo tempo, a escritora observa que a poesia, paulatinamente, surge-lhe cada vez mais enxuta, mais essencial. Então, acredita que apenas o momento inicial seja o da inspiração, do arrebatamento. Por conseguinte, adquiriu aos poucos a consciência da responsabilidade que a palavra gera, de seu alcance incalculável, de como ela pode deixar marcas indeléveis na inteligência e na sensibilidade dos outros.

Paulo Leminski sempre destacou Helena Kolody como “o” poeta mais moderno de Curitiba. Foi a primeira mulher a publi-

car haikai no Brasil, segundo ele, o primeiro poeta a fazer haikai no Paraná. Na verdade, em 1941, apenas poucas experiências do gênero foram desenhadas por Guilherme de Almeida. Em entrevista, Helena conta que se interessou pelo gênero através do *Jornal de Letras* e no aprendizado com a haicaísta paulista Fanny Dupré, com quem trocou correspondência e visitas (no livro *Pétalas ao Vento*, de 1949, Fanny dedicou um haikai a Helena).

No tempo em que foram vizinhos, Paulo Leminski apresentou à poeta o movimento concretista de Haroldo de Campos por intermédio das revistas do movimento: *Invenção* e *Noigrandes*. Convém relevar este talento de Helena Kolody, de circular, com desenvoltura, entre todas as turmas literárias — o que acontece mesmo após a sua morte. Wilson Bueno, a respeito, comentou: “Não lhe importam as revoluções estéticas, a migração dos movimentos, o seu é um fazer ligado à inocência que só as grandes sabedorias abrigam e compreendem”.³¹

Anos mais tarde, em 13 de junho de 1993, Helena Kolody e a escritora Alice Ruiz — companheira de Leminski durante 19 anos e mãe de suas filhas — foram homenageadas pela comunidade nipônica com o nome de haicaísta. Fato raro, considerando-se serem ocidentais. Helena, *Reika*, e Alice, *Yuuka*. Conforme explicação de Alice³², o *Ka* dos dois nomes significa flor. Os prefixos *Rei* e *Yuu* são adjetivos, virtudes específicas da flor. Ambos apontam para formas de grandeza. Superlativos para quem pratica a poesia mínima. O maior da menor poesia (em sílabas). O crítico literário Rodolfo Guttilla destaca que uma das mais valorizadas qualidades do “haikai à brasileira” é a brevidade. Enfatiza tam-

31 “As armas do coração”, *Um escritor na biblioteca: Helena Kolody*. [encarte].

32 *Sinfonia da Vida*, 1997, p. 15.

bém que, já em seu primeiro livro, Helena apresentou haicais que “denotam apuro formal de quem já dominava as regras abasilei-radas de composição do poemeto”³³. *Reika* é uma obra composta de haicais e tankas, publicado em outubro de 1993 por iniciativa de Nivaldo Lopes, num trabalho de tipografia manual, pela editora Ócios do Ofício, coleção Buquinista, da Fundação Cultural de Curitiba. Com projeto delicado, o livro tem ilustrações dos artistas Guinski, Denise Roman, Seto e João Suplicy, e contou com a coordenação editorial de Cassiana Lacerda Carollo. *Reika* tem tiragem única numerada de 150 exemplares e foi uma edição comemorativa dos 81 anos de Helena nos 300 anos de Curitiba.

Pois bem, Helena Kolody, a primeira brasileira de uma família de ucranianos, curiosamente, tem seu talento reconhecido na arte de composição nipônica. Mais do que dados de uma realidade mapeada em livros, as fronteiras que vemos aqui são reorganizadas numa tradução que supera quaisquer sotaques.

É bem possível também que estes livros — *Poesia mínima* e *Reika* — tenham o estatuto de uma presença para além do presente, o status de uma presença transformadora, uma presença capaz de subverter a realidade para reinventá-la. O que, aliás, não obstante perturbador, é próprio do mistério que nos constitui e humaniza. À cifra desta derivação, uma reflexão apresenta-se problematizada na materialidade discursiva da totalidade de sua obra: a representação do tempo, aliás, questionamento do homem moderno.

O procedimento sistematizado pela escritora tem sido descrito subliminarmente ao longo deste trabalho, *déjà-vu* nada

33 *Boa companhia* – Haicai. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 100.

fortuito. Assim, são temas recorrentes na lírica da escritora: o tempo, a solidão, a memória, a transitoriedade, a permanência e a viagem. Helena Kolody tem a capacidade de transformar sua sabedoria de vida em poemas cheios de luminosidade, ainda que seus temas possam ser densos e, por vezes, trágicos. Portanto, é admissível apontar três aspectos de sua verve literária: em primeiro lugar, a coerência conceitual no uso da palavra, sinal de uma nítida consciência verbal; segundo, a identificação com suas origens topográficas; e, terceiro, o vínculo de sua sensibilidade espiritual e estética com a inspiração sagrada, inequívoco indício de sua paixão pelo divino.

Leu muito — poesia, é óbvio. Adorava Paulo Leminski e Alice Ruiz. Não dispensava Cecília Meireles, Drummond, Carlos Nejar e Pablo Neruda. Admirava as poesias satíricas de Emílio de Meneses. Entre seus livros, sobressaem 15 títulos de Cecília Meireles, alguns com dedicatória da autora para Helena Kolody, cinco de Andrade Muricy, dois de Baudelaire — em francês —, Drummond, Alphonsus de Guimaraens, Guilherme de Almeida, Mario Quintana, Manuel Bandeira e João Cabral. Não surpreende o fato de serem quase todos livros de poesia e, entre eles, alguns de crítica literária. Carbono e diamante, conformações acordam um mesmo objeto, sem hierarquização deliberada, apenas regimentos diferentes que não necessariamente se confrontam. Pureza, resistência e riqueza. Acareação mesmo que no reflexo de um espelho. Nesse amálgama de leituras, repleto de significados, sobressai sempre o seu fundo compromisso com a visceralidade da experiência e das aprendizagens.

Em 2012, no centenário de nascimento da poeta, o *Cândido*, jornal mensal da BPP, destacou a vida e a obra de Helena.



O espaço metafórico: Babel de luz³⁴

Em tensão poética permanente, na qual habitam todos os deslocamentos da poeta, seus versos subsumem uma paisagem, não obstante as tonalidades por vezes brandas, profundamente aferidas com o seu contexto afetivo. Assim, cada nova pegada descoberta no mapa de uma escritora recompõe sua viagem. Seja o recebimento de um título honorífico; seja a nomeação de uma escola ou biblioteca; seja a análise de seu fazer poético por diversas monografias, dissertações e teses.

O ponto de partida, para Helena Kolody, muitas vezes, foi a estação tubo da Praça Rui Barbosa, que a transportava “ligeirinho” para todos os lugares — a Curitiba Babel, do Bosque do Papa, de Santa Felicidade, da Praça da Espanha, do Parque dos Tropeiros, do Bosque Alemão, do Memorial Italiano, da Praça do Japão e do Memorial Ucrâniano — e lugares de todos os mundos: à viagem infinita, à esquecida primavera, pelos bairros esquecidos, à paisagem interior, à terra inculta, ao Gênesis, ao sentido secreto da vida, ao Marumbi, ao Mar Morto, ao mar de

³⁴ *Babel de luz* é o título de documentário produzido por Sylvio Back sobre e com Helena Kolody.

sargaços, à sombra no rio, a Vênus, ao Cosmo, à reminiscência, ao limiar (todos títulos de poemas da escritora): Helena Kolody viajou muito, e viajou muito dentro da própria cidade.

O viajar representa, entre outras coisas, uma procura. Assim é que não canso de reconstituir a cena de uma Helena já bem madura, a observar o mar, em Caiobá, a certa distância, na linha do horizonte mar e céu se misturam — o mesmo céu que duplica o azul dos olhos de Helena, já decantados por Paulo Leminski e tantos mais. A mesma água que a menina Helena gostava de ver correr no rio Negro, que separa Rio Negro e Mafra. Em contemplação, parava sobre a ponte e perdia-se olhando as águas passando, e as águas a transportam para: “Seu olhar profundo/ olha na poça d’água/ e enxerga estrelas no fundo”.³⁵

A bagagem de Helena Kolody, ainda que de objetos díspares, é a materialização de seu trabalho, uma peculiar cartografia de autorreferências levadas ao extremo, o que suscita, em certo sentido, que na representação há reapresentação. Obstinada busca pela permanência.

O escritor propõe, desta forma, uma evidente permeabilidade entre criação e recriação de mundos. Antonio Candido chama atenção para a presença de uma espécie de teimosia do mundo referencial na produção literária dos anos 1960, 1970, o desejo de ver a literatura representando o mundo em que vivemos. O escritor, ou melhor, o artista, nessa perspectiva, explora a existência, o mundo real é absorvido pelo mundo imaginário. A crítica Cecília Salles fala do artista como canibal da realidade, da existência, experiência que parte de uma neces-

35 “Averso”, *Helena de Curitiba*. Curitiba: Positivo, 2005, p. 72.

sidade de observar e aproveitar essa realidade, de extrair suas riquezas. É esta a sua sina: a multiplicação, viver a poesia da cisão. Na reconstrução desta trajetória, a identidade revela-se de maneira inevitável. “Pelos bairros esquecidos, tantos passos, tantos risos, tantos sonhos perdidos!”³⁶

Entretanto, a exemplo de toda textualidade, este trabalho é necessariamente incompleto, inacabado, limitado pela finitude de sua estrutura e de seus componentes significativos. Há o reconhecimento, no ser poético, de um caráter contraditório, marcado pela incompletude e pela vontade de “querer ser inteiro”. Desta forma, o centro da relação está no espaço discursivo criado. Ou seja, a apropriação das formas de linguagem não é individual, mas social e constitutiva. Em “Retrato antigo”, o que emerge é uma elegia ao tempo: “Quem é essa que me olha de tão longe, com olhos que foram meus?”.

Isto posto, a noção de história é fundamental, já que o sujeito é marcado espacial e temporalmente. A partir desta determinação, é possível articular à concepção de sujeito mobilizado por processos histórico-sociais a de um sujeito ideológico. Como ser projetado num espaço e num tempo orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos do outro. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala, mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala.

A linguagem não é mais evidência, transparência de sentido produzida por um sujeito uno, homogêneo, todo-poderoso. O

36 *Ontem agora*, p. 37.

sujeito fragmentado, partido, com brechas, se preenche polifonicamente. Equivale também a dizer que a observação dos sentidos pode considerar a presença de várias vozes, que apontam para lugares discursivos diferentes, no entanto, todos constitutivos do sentido. Posto que institucionalmente inscrito na literatura, o sujeito poético transita e ocupa descontinuadamente várias posições dentro de um mesmo texto. Neste sentido, o texto concretiza sua dispersão. Isto é, é atravessado por vários discursos. Ele pode ser visto em lugares distintos, representando-se de diferentes maneiras, ocupando posições diferentes. Helena parece ter consciência dessa condição: “As impressões que me atingem vão se acumulando em meu inconsciente e elaborando uma espécie de húmus, no qual se misturam impressões de muitos tempos; desse húmus brota o poema, impregnado de minha própria personalidade”.³⁷

No entanto, a subjetividade é instância não negociável. Roland Barthes enfatiza que o sujeito que fala não é preexistente, mas produz-se, no próprio texto, em instâncias sempre provisórias³⁸. A escritura seria, portanto, o lugar do engajamento do escritor, da língua e do estilo — estes não são passíveis de escolha, constituem contingências, mas a escritura traz possibilidades de escolha. As escrituras possíveis a certo escritor serão definidas ao sabor da história e da tradição. Nas palavras há lembranças de um tempo precedente, resquícios de um uso já renovado, mas não abolido, memória que perpassa a novidade. Paradigmática, Helena Kolody perquire, com paciência oriental, acerca dos limites do ser, suas fronteiras e seus domínios,

³⁷ Helena Kolody em *Um escritor na biblioteca*, p. 19.

³⁸ *O grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 14.

geografia delimitada por intermédio de versos expurgatórios, tais como os de “Nunca e sempre”: “Sempre cheguei tarde ou cedo demais. Não vi a felicidade acontecer”. Apesar da tonalidade melancólica, a marca da poesia de Helena Kolody mais contundente está na sequente presença da resiliência ao arrematar o poema: “Mas, sempre os passarinhos cantaram e fizeram ninhos pelos beirais do meu viver”.

O poema “Nunca e sempre”, publicado em 1991, no livro *Ontem agora*, obra que reuniu poemas inéditos de Helena, manuscritos, em sua própria e delicada caligrafia de normalista —, pode ser cotejado com alguns depoimentos da/sobre a escritora em que o poema parece traduzir verdadeiramente, e com veemência, seus anseios: “Eu queria ser mãe. Como não pude, transferei esse amor para as minhas alunas” [...] “Foram os filhos que escolhi”. Esse sentimento materno, que a poeta experimentou sem haver parido, é expressão de sua vocação para a ternura e para a piedade, o que é próprio de uma sensibilidade mística.

Questionada a respeito de sua sexualidade, com sinceridade e lucidez respondeu a Telma Serur, no *Nicolau*: “Eu venho de uma época em que a mulher solteira tinha que ser virgem. Por aí você já pode tirar uma conclusão. Para mim, o amor foi um sonho. Eu não tenho experiência nesse lado. Mas aceito as mudanças que ocorrem hoje, porque a época e os valores são outros”. No poema “Intemerata”, escrito em 1942, mas publicado apenas após 50 anos, já se expunha no assunto. “Puseste a castidade como um selo em meus sentidos. Túnica talar, a renúncia vestiu-me. Em meu túmulo, mãe, poderão levantar um arco triunfal como o das virgens chinesas”.

Não existe como elemento constitutivo desse discurso um

outro que diz: a mulher existe para casar e ter filhos? Há até bem pouco tempo, ter filhos era o caminho para que mulheres fossem completas, realizadas, bem encaminhadas na missão suprema da feminilidade. Mesmo hoje, quando está bem claro que a realização pode ser encontrada trilhando outros caminhos, essa não é uma questão que se faça de maneira tão “hamletiana”, ser ou não ser.

Ampliando a dimensão desta interface, que pode também ser lida como um movimento de transposição de fronteiras, poderíamos nos perguntar: Toda escritura não é então, genericamente, autobiográfica? A obra de Helena Kolody, constituída por seus cerca de 500 poemas além dos outros 500 textos que o tangenciam ou transpassam diametralmente ou não (sua fortuna crítica), sugere a modulação de uma “autobiografia literária” e, por isso mesmo, situa-se entrelinhado como mediação entre verdade histórica e ficção. “Uma moça fazer poesia era coisa bonitinha, engraçadinha, mas não levada a sério. Homem fazendo poesia já era diferente” — assegura, com perspicácia, em entrevista à jornalista Malu Maranhão.

A poeta encontra na linguagem a possibilidade e os recursos para lidar com o poder, para redistribuir a tensão que o emba-te entre direitos e deveres, responsabilidades, cobranças e justificativas estabelece. É ela também instrumento de resistência pelo direito de se posicionar, de não aceitar a coerção, de batalhar por um lugar no qual encontre a oportunidade de dizer. Esta batalha é marcada por sua história, sendo própria da relação que ela estabelece com a sua fala e com a fala do outro. Instigante viagem por citações, in-citações que, em Helena Kolody, não lhe tiram o mérito da manifestação epifânica.

Assim este eu lírico se mostra em todas as formas possíveis. É como se sua imagem se multiplicasse, caleidoscopicamente, uma “viagem no espelho” de complexa configuração simbólica. A especificidade do texto literário confirma-se como dispositivo discursivo, no qual o gesto poético restitui o real. Ao exercitar a linguagem literária, reconstrói a história através de uma memória dinâmica, ancorada num presente perpétuo que a instituição literária viabiliza. Vale dizer, faz sentido o olhar sobre as fronteiras entre o discurso literário como reprodutor de discursos sociais e seu funcionamento a gerenciar uma postura voltada para o mundo e para si próprio. De certa forma, vários sistemas se entrecruzam e servem reciprocamente de intertextos, revelando, por esta via, a composição social e os conflitos de época, os limites da visão do mundo e a ideologia do escritor.

Sendo assim, malgrado os embates da vida ou, antes, por causa deles, o sentimento de Deus dá a toda a produção poética de Helena Kolody um tom indescritível de interlocução permanente com os caminhos do sublime, tão profundamente registrado nos versos que desse sentimento nasceram, expressam a sua concepção cristã da vida. Os versos de “Egoísmo” nos dão a medida desse conceito: “Cristo, com que olhar me fitaste do noturno abismo do sofrimento humano! Como pude, insensível ausentar-me, concentrada em cuidados pequeninos?!”.

Nossa poeta concebe a criação do mundo como a obra magna de Deus, à qual contempla extasiada e à qual atribui o calor de sua inspiração. Apesar das notórias simplicidade e modéstia, Helena Kolody tinha consciência de seus dons e suas potencialidades no cultivo das letras. Com singular entusiasmo, vivia em comunhão com o que considerava a fonte primordial

da vida e cifrava nos altos valores do espírito, junto à beleza da forma, o sentido de sua criação poética. “Ensina-me, Senhor, a palavra exata, a grande palavra reveladora e fecunda, que devo clamar, clamar e clamar para acordar nos que adormeceram a consciência do seu destino maior”.³⁹

Para esta poeta, desmedida, a palavra encarnava o alento do divino, ferramenta que formata a sua interpretação de mundo e sustenta as verdades profundas que sua intuição capta. O exercício criativo era para a poeta uma necessidade espiritual que nasce de suas entranhas. Helena Kolody canta a emoção de sentir-se parte do universo e em tal virtude canta a Criação e exalta o amor divino. O amor puro instou a suas entranhas o hálito incorpóreo, platônico e sublime de viver, à intimidade de sua alma, o divino rumor que reúne conjuros e paixões à luz do sonho supremo.

Como cristã ardorosa, entendeu que a angústia e a dor motivados são de catarse purificadora para o sentido transcendente do sacrifício humano; e como poeta, aprendeu que o infortúnio e a nostalgia são nutrientes da veia inspiradora da poesia. Em face ao exposto, o sonho de integração no divino e “perfeito círculo de luz” parece se realizar no poema “Exílio”, do livro *A sombra no rio*, no qual Deus surge como seu interlocutor, da mesma forma que nos poemas “Egoísmo”, Cristo é seu interlocutor, e em “Apelo”, o Senhor é seu interlocutor: “Que saudade, meu Deus, que implacável saudade de integrar-me, outra vez, em Tua eternidade!”.⁴⁰

39 “Apelo” foi escrito em junho de 1941 e publicado pela primeira vez em 1995, ou seja, mais de 50 anos depois. Helena Kolody, *Série Paranaenses*, p. 48.

40 “Exílio”, *Viagem no espelho*, p. 131.

Cosmonauta por natureza, a poeta encontra na palavra a solidariedade para sua solidão. Palavra refúgio no universo. Escapando-lhe às mãos, não lhe escapa à onipotência do Verbo Criador. O evasimismo dos primeiros anos foi dando lugar à apreensão do transcendente nas coisas simples do cotidiano, à presentificação das realizações sinestésicas. A persistência da memória propicia alargar, quando não dissolver, a dicotomização eu *versus* mundo, e a poeta percebe que existe no mundo que nela existe. O filósofo Ernani Reichmann relaciona essa dimensão da angústia na poesia “kolodyana” como item essencial em sua poética. “Trata-se de uma angústia imanente, limitada à natureza, ou ela abrange a própria ‘angústia de Deus’”.⁴¹

O sentido religioso em Helena Kolody produziu em seu fazer poético um vínculo com a terra, a língua, o homem e o cosmos mediante um sentimento de integração e coparticipação com os eflúvios da paisagem, o discurso de seus “contrerrâneos” e o hálito intangível da eternidade. Pode-se afirmar que a grandiosa veia criadora de sua lírica foi o amor a Deus que destila de seus versos mais marcadamente afetivos, sentimento místico que confirma sua sensibilidade transcendente, sua identificação com a dor e sua compreensão sobre coisas simples e humildes, o que remarca, de certa forma, sua geografia natal. Quando questionada a respeito da marca da religiosidade em seu trabalho, respondeu:

“Em primeiro lugar, eu sempre tive um espírito muito religioso. Em segundo, tive uma formação católica desde criança. Por causa de minha família, eu sou muito mística, assisto à mis-

41 “As 14 indagações de E. R. sobre Helena Kolody”, *O Estado do Paraná*, Curitiba, 29 de janeiro de 1991, p. 13.

sa com verdadeiro fervor. Mas isso não me impede de ser tolerante. Desde menina sempre tive amigas de todos os credos e respeito a religião de todos, porque eu acho que Deus é uma luz e para esta luz cada um vai caminhando por onde é chamado. Só tenho pena de quem não crê, pois este não vê a luz, não vê a estrela”.⁴²

À vista de tal preceptiva, Helena Kolody estreou com *Paisagem interior* num momento em que no Paraná ainda era bastante latente a presença de representantes da corrente simbolista, mais precisamente, como aponta o crítico Miguel Sanches Neto, em meio a uma literatura produzida à maneira simbolista⁴³. Sanches Neto retoma avaliação do movimento simbolista no Paraná que Antonio Candido apresenta na revista *Joaquim* nº 3: “O seu vago espiritualismo, o seu desfibrilamento criador, unido, aliás, às melhores intenções e, geralmente, aos melhores caracteres pessoais, deram cabo de nosso pobre simbolismo nacional e, felizmente, enfraqueceram os arrancos neocatólicos e reacionários a que se atrelou a maioria daqueles excelentes rapazes”.

Sanches Neto, a partir de tal vinculação, entende que Helena Kolody não poderia deixar de pagar um tributo a esta corrente que vai orientar significativa parte de sua poesia. Muito embora a escritora nunca tenha deixado a espiritualidade fora de seu trabalho poético, paulatinamente vai atenuando a sisudez acadêmica instaurando um verbo de “valor moderno”.

Helena estabelece uma fecunda relação criadora, mediante a arte da criação poética, entre a realidade estética, íntima

⁴² Helena Kolody. Série Paranaenses, p. 28.

⁴³ “Enorme modernidade”, *Rascunho*, acesso em 16 de março de 2004.

e pessoal, com a realidade cultural, geográfica e humana e a realidade interior e mística (religiosa). Para ser devidamente admirada, é preciso sua captação em todos os aspectos, a poesia santificadora de Helena Kolody é, basilarmente, uma obra de conjunto, um corpo de ideias harmoniosamente apresentado, conforme a notificação de Herbert Munhoz van Erven, crítico literário.

Para Venturelli, a escritora alia “subjetividade isolacionista com o interesse pela reflexão através de filigranas verbais”. Mas, “em diversos momentos tinge-se de acento místico, raiando a transcendência, que uma vez mais afasta seu corpo poético da praça social, onde se encontram todas as vozes”.⁴⁴

Em suma, essa relação possibilitou uma instância interpretativa, que se desvela desde seus primeiros livros, em que se pode saborear o máximo em cada momento, por uma escrita límpida, tocante, capaz de fascinar diferentes gerações de leitores. Basta, por exemplo, sentir a força evocativa dos versos de “A sombra no rio”: “Noto a passagem do tempo, porque minh’alma imutável projeta na correnteza fugaz dos dias da vida a quieta sombra do eterno”. O sujeito lírico revela-se, profundamente, “quase perturbado pela correnteza” na sombra no rio.

Achados fortuitos como instrumentos de conhecimento no conjunto das manifestações observadas, é preciso especial atenção às possibilidades enunciativas, à demarcação de lugares, posições interpretadas e imagens determinadas. No mapeamento dos mecanismos de manifestação de si, confirma-se que tais dispositivos, se não verdadeiras fendas, revelaram uma imbric-

⁴⁴ Helena Kolody. *Série Paranaenses*, p. 10.

cação que permitiu que se convocasse níveis mais profundos. Nesta convocação foi possível retomar sentidos, ainda e principalmente aí, é a eternidade que toca: “Há um segredo transcendente na quieta face dos mortos que sobre-humana alegria os transfigura?”.⁴⁵

No conjunto de seres e coisas que latejam, que fluem ininterruptamente, afago dos sentidos, o poder encantatório de seus versos rendeu-lhe o reconhecimento público. Ao completar 50 anos, em 1962, as alunas de Helena Kolody do Instituto de Educação a homenagearam com a edição de *Poesias completas*, que reúne seus livros publicados até então: *Paisagem interior*, *Música submersa* e *A sombra no rio*. No mesmo ano, a escritora aposenta-se como professora do Estado.

Quase 50 anos depois, por proposta do Centro Paranaense Feminino de Cultura, foi elaborada a Lei 14.821/2005 instituindo 12 de outubro, dia de nascimento da escritora, como o Dia da Poesia Curitibana. A lei objetiva reconhecer a participação e o fomento cultural literário em poesia. No respeitável intervalo entre as duas homenagens, há incontáveis gestos voltados à justa locação da escritora no panorama literário contemporâneo.

“A padroeira da poesia acaba de fazer mais um milagre.”⁴⁶
“E a canonização da poeta Helena Kolody? — Está consumada. Ela é nossa santinha municipal. Nosso próximo passo é mudar o nome da Galeria Júlio Moreira para Gruta Contemporânea Santa Helena Kolody.”⁴⁷ Vinte e cinco anos separam o depoimento de Paulo Leminski do de Hélio Leites, *performer* curi-

45 “Segredo”, *A sombra no rio*, p. 14.

46 “Santa Helena Kolody”. Paulo Leminski. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26 de junho de 1985, p. 11.

47 “Entrevista”. Hélio Leites. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 22 de novembro de 2009, p. 4.

tibano. Há pouco, aliás, Hélio Leites lançou livro em que apresenta suas miniaturas, todas feitas em pequenos objetos de sucata (palitos, caixinhas de fósforos e tampinhas). O que é descartável, o que é quase nada, rearticula-se para contar do vivido, obra original. Equivale a dizer: abandonam o escopo da insignificância. “O carbono acorda diamante.” Entre elas está o oratório “Canonização de Santa Helena Kolody”, acompanhado dos versos: “Pra canonizar pessoas/ É preciso milagres./ Pra canonizar poetas,/ apenas poemas”⁴⁸. O artista já avisou: não vende o oratório de jeito nenhum.

“A Igreja Católica exige milagres para elevar um pecador à categoria de santo. Mas a poeta paranaense Helena Kolody dizia que o verdadeiro milagre é a família, por isso foi canonizada pelos artistas da Igreja da Salvação pela Graça. E, colocada dentro da capelinha, ali se encaixou e não saiu mais. Da caixa de fósforo faíscam luzes, pois seu poema mais famoso reza que ‘Pra quem viaja de encontro ao sol/ É sempre madrugada’. A Igreja demora muito para fazer uma santa. Essa foi feita em dois meses.”⁴⁹

Apesar do anonimato na mídia por anos a fio, apesar da escala artesanal e reduzida das edições de seus livros, apesar de não se deixar levar pelas modas modernas — apesar da modernidade diccional —, Helena virou moda e foi canonizada há muitas estações. O ensaísta João Manuel Simões aponta Helena como sua santa da devoção estética, ao lado de Cecília Meireles

48 “Significador de insignificâncias”, Annalice del Vecchio. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 de abril de 2011. Caderno G, p. 1.

49 *Mínimos*. Hélio Leites. Curitiba: Cultural Office, 2010, p. 22.

e Florbela Espanca, entre outras.⁵⁰ Além da óbvia alusão à coincidência entre a data de nascimento de Helena Kolody e o dia da Padroeira do Brasil — 12 de outubro —, evidencia-se a religiosidade transbordante e arrebatadora de seus poemas.

A autora, no exercício cotidiano da liturgia de sua arte, elegeu a ausência de vaidades como seu manto sagrado. Sua simplicidade sempre esteve acima de todas as honrarias recebidas, mesmo não havendo razão para tanta modéstia. Seu trabalho sincero, efetivamente, sempre esteve comprometido com a máxima honestidade poética. A tão decantada ausência de vaidade costumava se revelar na emoção com que se deparava ante algumas homenagens.

Em 1978, por exemplo, recebeu um telefonema do então reitor da Universidade Federal do Paraná, professor Ocyron Cunha, informando que seu poema “Maquinomem” fora escolhido como texto base para a redação do vestibular da UFPR em janeiro de 1979. Comovida, declarou: “Essa foi a homenagem mais importante que eu poderia receber; nem uma estátua em praça pública ou placa de ouro poderia me deixar mais feliz”.

Poeta madura, consagrada, Helena Kolody conquista um público leitor cada vez mais jovem produzindo uma poesia aparentemente mais simples e sucinta. Uma poesia mínima. Pela primeira vez um livro seu, *Sempre palavra*, é publicado por uma editora, a Criar Edições, de Roberto Gomes. A publicação em escala comercial permitiu que os versos da escritora alcançassem um público nacional. A prática do culto à palavra em estado de síntese por Helena torna-se o mote de um texto referencial

50 “A 'opera ominia' de Helena Kolody”. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 1 de fevereiro de 1989.

ao se estudar a obra da escritora: escrito por Paulo Leminski e publicado pela primeira vez na *Gazeta do Povo* em 25 de junho de 1985: “Santa Helena Kolody” (mais tarde, publicado com poucas modificações no jornal *Folha de S. Paulo* e no *Nicolau*). Nele Leminski abaliza *Sempre palavra* e toda a obra anterior da escritora, apesar do quase anonimato por anos. Com o gesto fundador de Leminski, com a projeção nacional do jornal *Folha de S. Paulo*, Helena Kolody voltou a receber a atenção da crítica e, também, a atenção da mídia e dos leitores.

Encartado no livro *Um escritor na Biblioteca*, obra que transcreve entrevista concedida por Helena a Leminski, Alice Ruiz, entre outros, na Biblioteca Pública do Paraná, publicado em 1986, o poeta e semioticista Alberto Puppi publica criação em homenagem a Helena Kolody. Colomy é a mais popular das marcas de papel para enrolar fumos. Muito antigo, foi utilizado por várias gerações no Brasil. Além de ter um papel de excelente qualidade e textura um pouco mais fina que outras sedas, é a única, entre as mais populares, feitas em papel do tipo manteiga. Assim, o poder suscitador da criação de Alberto Puppi remete à poeta como uma marca única, muito presente no seio de sua gente, legítima metonímia de poesia. “Helena Colomy.”

Sucedendo período de repressão política, o ano de 1987, julho, marca o início de circulação do *Nicolau*, publicado pela Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, dirigido de 1987 a 1994 pelo escritor Wilson Bueno, seu idealizador e editor nas 55 primeiras edições. O último número foi publicado em 1998. O periódico objetivava suprir algumas lacunas regionais: a necessidade de a produção literária recente divulgar seus textos, bem como registrar a história do Estado e de sua gente, sob a marca da “plu-

ralidade de pensamento”. A escolha de seu título — *Nicolau* — já alude à conformação socio-histórica do Estado. Com tiragem de 150 mil exemplares, distribuídos mensal e gratuitamente, quer por mala direta, quer encartado nos principais jornais do Paraná, não obstante o órgão estatal de viabilização da edição, *Nicolau* não se transformou em porta-voz da ideologia oficial, muito pelo contrário, sua proposta estética e de pensamento era bastante independente.

No espaço reservado à literatura, predominante, a preferência recai sobre os autores do Estado, como assinala Eduardo Marquardt, “carentes de espaço, editoras e, mais ainda, de leitores”⁵¹. No entanto, a frequência de personalidades da literatura brasileira e também da universal, em todas as edições, acaba legitimando e consagrando a publicação. Ao lado de Octavio Paz, Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Wilson Martins, José Paulo Paes, entre inúmeros outros nomes de renome, inclusive internacional, o jornal acolheu muitos textos dos estreantes, na época, como Miguel Sanches Neto, Carlos Dalla Stella, Rodrigo Garcia Lopes ou Eduardo Hoffmann, e até mesmo Arnaldo Antunes. Marquardt, ao analisar o primeiro ano de *Nicolau*, observa que, por sua estruturação, ele “lembra muito a postura adotada pelo que se pode chamar de primeira fase do *Folhetim*, da *Folha de S. Paulo*, no que concerne a um projeto de ‘catequização da cultura’⁵², mas que no caso do *Nicolau* canaliza-se num claro processo de construção de identidade”.

51 O primeiro ano de *Nicolau*: “Nós do Paraná”. Disponível em www.elsonfroes.com.br/kamiquase/nicolau3.htm.

52 “O suplementário *Folhetim da Folha de S. Paulo*”. Marco Chaga. *Boletim de Pesquisa* – NELIC, p. 10-4.

Uma das peculiaridades mais interessantes de *Nicolau* diz respeito à presença considerável da literatura oriental, o que, em muito, contribuiu para o enriquecimento do jornal em termos estéticos. Entre os autores mais presentes, divulgou-se obras de poetas clássicos chineses, tais como: Li Tai Po, um dos maiores poetas da China, Po Chu I, com ideogramas originais, e Issa Kobayashi, já no primeiro número publicado. Os haicais foram privilegiados em várias páginas do jornal, revelando, como destaca a pesquisadora Maria Lúcia Vieira, “uma certa atração de seus artistas criadores por esta forma literária misteriosa e intrigante. Tão intrigante que, a partir de 1970, o haikai foi adotado pela geração *beat*, em todo o mundo, e por muitos poetas brasileiros importantes, inclusive Paulo Leminski, numa busca esotérica de sentido para a vida, associada, em parte, à irreverência e crítica ao recente regime político ditatorial (1964-1984)”⁵³.

Para reforçar o conceito de valorização estética proposto pelo periódico, convém observar a presença do texto não-verbal complementando o texto verbal, o que aparece efetivamente comprovado, por exemplo, no espaço dedicado à poesia oriental, via seus ideogramas. Estudiosa dedicada, Helena Kolody enreda, a partir dos meandros de seu universo literário:

“Os ideogramas aprisionam apenas um momento de ação, como a câmera fotográfica surpreende um momento de um gesto ou de um sorriso, que não acabam aí. Há ideogramas de uma beleza pictórica admirável. Esse ir além das palavras constitui a verdadeira força da poesia. Nos ideogramas chineses, tão su-

⁵³ Um periódico cultural em busca de poesia, acesso em 29 de agosto de 2010.

gestivos, tão ligados às raízes da vida, cada símbolo acumula um potencial de energia vital”.⁵⁴

Considerando sua práxis poética, o que, frise-se, inclui a inserção dos orientais, *Nicolau* convidava o leitor a ler poeticamente. Já apontamos algumas evidências expressivas que salientam esse traço estético. Outro traço também impregnado de poesia era representado pelos exercícios de tradução, *traduttore traditore*, a tradição da tradução, que Wilson Bueno preferia chamar de “transcrição de poesia”, por acreditar que a tradução para outra língua, apesar de ter que respeitar as características originais da obra, deveria ser criativa. Nesse movimento labiríntico, que traz de volta o passado, poetas traduzem poetas. Convém lembrar, observando as práticas adotadas, a poesia deles, no caso, os poetas tradutores, emerge empapada pelos textos que eles traduzem. Em procedimento de sobreposição, os tradutores revelaram-se leitores reflexos e poetas estrategistas, dado imprescindível para reportar a carga lírica do texto original. O professor Raúl Antelo costuma frisar: o estratagema da tradução revolve e devolve potência à literatura.

Ancorado no olhar de quem aponta para algo específico e propõe um enigma, o discurso poético, presente em vários textos do *Nicolau*, além dos inúmeros poemas publicados, suscitam uma reflexão no que se refere à globalização deste mundo cada vez mais integrado pelos meios de comunicação, e que insiste em reproduzir, incompreensível frivolidade, a concepção do progresso como fruto do avanço tecnológico.

A avaliação de Maria Lucia Vieira, ao analisar o papel ino-

⁵⁴ “À margem dos ideogramas”, Toda via, Revista Mensal de Literatura, Curitiba: Casa do Poeta do Paraná, julho de 1988, p. 4-5.

vador do periódico, no texto já citado, verifica que em tempo algum houve semelhante valorização do pensamento técnico/científico. Aprofunda-se um abismo entre o discurso científico ou ensaístico e o discurso poético ou artístico, com as suas respectivas possibilidades, virtudes, características e limitações. O primeiro opera com a análise, o segundo com a síntese. Aquele visa evitar a ambiguidade; este exatamente instaurá-la, pois, ao ensejar múltiplas leituras, torna-se mais aberto e democrático, permitindo, ou mesmo exigindo, a participação emotiva e complementar da imaginação do receptor. Possibilidade viva, o *Nicolau* em seu caráter, sempre ambíguo ou dialético — vale dizer: originalíssimo —, contém em si mesmo a possibilidade da crítica que desconstrói a possível manipulação ideológica, tão costumeira em seus aparelhos.

Plenamente afinada à linha editorial de *Nicolau*, Helena Kolody publicou seus textos em 19 de seus números, sendo que ainda concedeu uma entrevista numa das edições (n. 8, entrevista concedida à jornalista Telma Serur) e teve uma caricatura sua publicada em outra (n. 33, ao lado de Dalton Trevisan, Wilson Bueno e Paulo Leminski, caricaturas de Paixão). Ou seja, resumindo, participou de um terço de todos os exemplares do periódico, o que não é pouco e é muito revelador.

Nestes tempos, mais precisamente, em 1988, foi criado o Concurso Nacional de Poesia Helena Kolody, instituído pela Secretaria Estadual de Cultura do Paraná, realizado anualmente desde então. Na ocasião, o jurista René Ariel Dotti era o Secretário de Estado da Cultura. A primeira coletânea com os textos premiados foi lançada em 1990, com o título *Os poetas*. Destaque-se o nome da jornalista Regina Benitez, organizadora

das primeiras edições do certame, ex-aluna de Helena Kolody no Instituto de Educação. O concurso passou de sua 20ª edição e contou, em suas últimas edições, com mais de três mil participantes. Desde 2012, a Secretaria de Estado da Cultura realiza, por meio da Biblioteca Pública, o Prêmio Paraná de Literatura, com três categorias e a de poesia se chama Prêmio Helena Kolody.

Absolutamente afinada com os fazeres poéticos de seu tempo, Helena participou de inúmeras antologias que revelaram e firmaram nomes importantes e de vanguarda de nossa literatura mais contemporânea. A referendar uma linhagem poética da época, Arnaldo Antunes coedita a revista gráfico-poética *Atlas – Almanak* 88, em formato arrojado, capa dura, 45 cm x 31 cm. Ao todo são 84 criadores num álbum que combina poesia, artes gráficas, artes plásticas, música e cinema. Aí, a palavra de Helena Kolody, aparentemente simples e, ao mesmo tempo, cósmica reverbera a palavra, entre outros, de Haroldo de Campos, Régis Bonvicino, Waly Salomão, José Lino Grunewald, Sebastião Uchoa Leite, Décio Pignatari, Glauco Mattoso e Paulo Leminski. A obra compõe-se de um conjunto de trabalhos distribuídos em procedimentos inventivos — não só pela exploração da visualidade tipográfica da superfície escritural — aplicados ao signo poético, que fazem da palavra o eixo fundamental e mantenedor de suas relações. Ao mesmo tempo, discute-se, subliminarmente, o estabelecimento de limites no campo artístico, ao se promover diferentes modos de conexão da comunicação artística contemporânea.

Mais do que ressonâncias, não há como não enfatizar uma onipresença na vida literária de Helena Kolody: Paulo Leminski, poeta, tradutor, publicitário, agitador cultural, músico e trans-

gressor inventivo de diversas normas, que usava, como ninguém, estratégias de *marketing*. Antes que as vozes de escritoras se revelassem e se multiplicassem, Leminski fomentou a visibilidade de Helena. É interessante notar a cumplicidade existente entre os dois que extrapola o “simples” paralelismo de suas obras. Beira a devoção, em uma carta a uma amiga, Helena lamenta: “Tantas coisas más me aconteceram! Perdi dois amigos queridos: Sylvia Carneiro, uma pessoa maravilhosa (amiga de longa data), e Paulo Leminski, que era como um filho; até me chamava de mãe. Como a morte nos despoja! Também morremos um pouco com aqueles que amamos”.

Compor e recompor as memórias: os dados nem sempre estão previamente “prontos”. As informações, que nem sempre estão na superfície dos textos, digamos oficiais, exigem um trabalho de combinação, montagem, cruzamento, complementação e análise. Para tanto, cartas e cartões recebidos, cartas e cartões enviados, manuscritos, dedicatórias, são fonte documental rica, por vezes saborosas, fragmentos em incontornável conformação de obra.

Em sua trajetória, Helena Kolody, correspondente contumaz, escreveu muito e para muitas pessoas. Preservou sua correspondência mais pessoal, inclusive os rascunhos de correspondências enviadas, o que revela sua preocupação em guardar a memória de um tempo. Caixas e mais caixas com o rico patrimônio se guardam em sua última morada, o referencial apartamento da Rua Voluntários da Pátria, em Curitiba: tesouro a ser descoberto.

Numa época em que os arquivos virtuais cada vez mais se tornam presentes em todos os setores das nossas vidas, a valo-

rização das correspondências se impõe como uma necessidade de preservar e, para alguns, de impor uma aura a um objeto fadado ao quase total esquecimento. Por outro lado, ela acaba também por colocar o missivista e o leitor num mesmo plano, pulverizando os mitos de inacessibilidade. No caso das cartas, a intimidade que se revela é única. Extramuros, ela instiga o nosso lado *voyeur*.

Em uma introdução ao debate sobre a problemática do pós-modernismo na literatura brasileira⁵⁵, Italo Moriconi reflete sobre os anos 80 e 90 do século passado. Observando a partir de um ponto de vista cultural mais amplo, polemiza: “o fim do século XX é pós-canônico, pós-vanguardista, pós-modernista. Na poesia brasileira, é marginal e pós-marginal, pós-moderno e pós-modernista. O fim do século foi para lá de depois”. Defensor do debate sobre a pós-modernidade, considerado estratégico, Moriconi destaca a pertinência de outros debates surgidos no período, como os dos estudos culturais, sobre globalização, a questão do pós-colonial e do pensamento diaspórico. A partir daí defende que na poesia brasileira do fim do século o sujeito marcado por gênero é de longe o mais importante nessa multiplicação de marcas. Sem dúvida, a poesia escrita por mulheres apareceu no cenário com força quantitativa. Cita alguns nomes: Olga Savary, Cora Coralina, Neyde Archanjo, Orides Fontela, Helena Kolody, Lupe Cotrim Gaudy, Josely Vianna Baptista, Zila Mamede, Lélia Coelho Frota, Iara Vieira, entre tantas outras.

Muito embora não concorde com Moriconi em muitos aspectos, Paulo Venturelli também evidencia o fato de Helena Kolody,

55 *Cadernos da ABF*. Niterói: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. fevereiro/março de 2004. Disponível em www.filologia.org.br/abf/volume3/numero1.

filiada à grande tradição lírica da poesia em língua portuguesa, saber colocar “sua dicção de mulher escrevendo numa época em que isto não era muito comum”⁵⁶. Ainda lembra, o que já vimos destacando, que seu lugar no panorama literário está garantido por tudo isto.

O professor Paulo Venturelli é o autor de *Helena Kolody*, livro da série Paranaenses, sem sombra de dúvidas uma das mais importantes e citadas referências sobre a escritora ainda hoje (está esgotado no catálogo da editora).

Foi no final do século XX que a obra de Helena Kolody começou a despertar o interesse da comunidade científica e, desde então, é cada vez maior o número de teses, dissertações, monografias e pesquisas que avaliam o seu estatuto poético. Destaque-se o trabalho do professor Antonio Donizeti da Cruz, autor da dissertação de mestrado *Helena Kolody: a poesia da inquietação*, apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 1993, e de sua tese de doutorado *O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody*, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2001.

Os dois trabalhos acadêmicos foram publicados em formato de livro e o autor ainda publica recorrentemente artigos e capítulos de livros analisando diferentes facetas de seu universo poético. Para o pesquisador, a busca da transcendência é o seu principal tema; religiosidade, sentimento de finitude, nostalgia, aspiração do absoluto, convergem à temática. A consolidação do nome da escritora, certamente, remete a reverberações destas pesquisas em ambiente universitário.

⁵⁶ Em entrevista a mim concedida, em fevereiro de 2010, por *e-mail*.

Para ilustrar a heterogeneidade que compõe o repertório de experimentos de Helena Kolody, basta conferir os procedimentos adotados para as comemorações de seus 80 anos, em 1992: concertos, recitais de poesia, distribuição de poemas e cartazes pelos terminais de ônibus, nos ônibus (1.600), táxis (500), escolas, centros culturais, bares, *outdoors* e até um *clip* poético veiculado na televisão. Um lanche no Clube Curitibano que reuniu 300 ex-alunos, missa em ação de graças e palestra da professora Cassiana Lacerda Carollo, “Helena Kolody – 80 anos de Vida e Poesia”, comemoraram a trajetória da escritora. Uma “Helena Pop”⁵⁷.

Em outubro do mesmo ano, o cineasta Sylvio Back lançou o filme *A babel da luz*, que estreou nacionalmente em Curitiba, no teatro do Palácio Avenida, com a sua presença e a da aniversariante. “Autorretrato protagonizado pela poeta Helena Kolody, enquanto espelho de suas próprias angústias, enquanto aventura linguística única, enquanto repositório de uma biografia interminável – que o poema, afinal, continua a vida. É uma biografia feita em poemas e com tradução gráfica”⁵⁸. Assim, Back resume sua produção. O filme *A babel da luz* recebeu o prêmio de melhor curta-metragem do XXV Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e o de melhor montagem. Concorreu com mais de 50 inscritos no festival.

Em entrevista, logo depois da estreia, o cineasta conta entusiasmado: “As pessoas, no final da projeção, vinham me perguntar mais sobre Helena Kolody. O incrível é que nossa poe-

⁵⁷ Título de dossiê dedicado a Helena Kolody, na comemoração de seu centenário, pelo *Cândido* – jornal da Biblioteca Pública do Paraná, n. 15, out. 2012.

⁵⁸ “Filme e outdoors para Helena Kolody”, *Gazeta do Povo*, Curitiba, 11 de outubro de 1992, p. 2.

ta não é nacionalmente conhecida. E quando for, 500 poetas deixarão de existir, pois ela é iluminada”. Antes mesmo da premiação em Brasília, o crítico Rubens Ewald Filho já havia pedido para exibir o curta-metragem na TVA, o que aconteceu poucos dias depois.

Ainda em comemoração aos seus 80 anos, em São Paulo, leituras e comentários sobre a sua poética foram programados na Casa de Cultura do Butantã e na Casa de Cultura do Ipiranga, programação organizada pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, em outubro de 1992. Seus textos foram utilizados na televisão, no cinema, no teatro, na música, na dança, na pintura, em grafites e em camisetas. Hoje, são tocados pela inevitabilidade digital.

No mesmo ano, dia 25 de março, aconteceu a solenidade de posse de Helena Kolody na Academia Paranaense de Letras. Presença há muito reclamada pela comunidade cultural paranaense. Seu irmão, José, vestiu-a com a pelerine oficial, presenteada pela Secretaria de Estado da Cultura. A posse aconteceu no Auditório do SESC da Esquina, em Curitiba. Helena foi imortalizada na cadeira 28, cujo patrono é o também poeta Francisco Carvalho de Oliveira, cadeira em que seu filho, João Batista de Carvalho Oliveira, mais conhecido como Rodrigo Júnior, fora o primeiro ocupante, seguido por Leonardo Henke. Leopoldo Scherner apresentou o discurso de saudação. Helena foi a segunda mulher a ingressar na entidade, a primeira fora Pompília Lopes dos Santos, um ano antes. Ambas foram eleitas na gestão do escritor Felício Raitani Neto.

Outra mostra de reconhecimento público ocorreu em 8 de maio de 2003, aos 90 anos. Helena Kolody foi agraciada com o título

de *Doutor Honoris Causa*, pela Universidade Federal do Paraná, no ano em que a instituição também comemorava seus 90 anos. O reitor, Professor Carlos Moreira, assim resumiu a honraria: “Sou um fã incondicional da pessoa e da obra de Helena Kolody, por isso propusemos ao Conselho Universitário, em conjunto com a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, a homenagem. E este não teve nenhuma dúvida em outorgar-lhe o título. E estamos comemorando 90 anos, mesma idade da professora. Nada mais justo do que lembrá-la”.⁵⁹

Já que o procedimento aqui adotado é o da sobreposição, uma interessante articulação se processa entre a palavra de Helena e a música. Em 1967, por exemplo, suas poesias receberam música e foram apresentadas no Teatro Municipal de São Paulo por Helsa Cameu: “Ilusão”, “Entardecer”, “Crepúsculo de abril”, “Sobrevivência”, “Música eterna”. Os cantores Hermelindo Castello Branco e Maria Sylvia Pinto interpretaram-nas. Em 1987, “Prece” ganha versão musicada, por Sandra de Andrade, com arranjo musical do maestro Pedro de Castro, em Minas Gerais. Em 1999, o compositor Henrique de Curitiba (que é o pseudônimo de Henrique Morozowicz) apresenta no XIX Festival de Música de Londrina, na estreia da peça um ciclo de canções paranaenses, *Seis Poemas de Helena Kolody*, obra musicada e executada pelo próprio compositor e cantada pela soprano Denise Sartori, no Cine Teatro Ouro Verde. Em 2003, a Editora da UFPR publica *Seis poemas de Helena Kolody*: canções para soprano e piano, textos de Helena Kolody com as respectivas partituras de Henrique de Curitiba.

59 Disponível em <www.parana-online.com.br/editoria/policia/news/46907>.

Por mais que ínfimos movimentos, cada nova pista mapeada recompõe a sua viagem. Seja o recebimento do título de Cidadã Honorária de Curitiba, em 1987, por proposição do vereador Waldir D'Angelis; seja o título de Vulto Emérito de Curitiba, pela Câmara de Vereadores de Curitiba, em 1999, por proposição da vereadora Julieta Reis. Seja a nomeação de uma escola ou biblioteca; seja a análise de seu fazer poético por diversas monografias, dissertações e teses. Entre outras, Helena Kolody integrou, luminosamente, as seguintes instituições: Academia Paranaense de Letras; Academia de Letras José de Alencar; Academia Feminina de Letras do Paraná; Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana; Sociedade Ucraniana do Brasil; Academia Rio-Grandense de Letras; Casa do Poeta, de São Paulo; Confraternidad Universal Balzaciana, de Montevideu; Casa Del Artista; Instituto de Cultura La Plata, de Montevideu; Centro de Letras do Paraná; Centro Paranaense Feminino de Cultura; Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná; Centro Brasileiro de Cultura, de Curitiba; Instituto Brasileiro de Cultura, do Rio de Janeiro; Clube de Poesia, de Campos, Rio de Janeiro; Centro Cultural Humberto de Campos, de Vitória; Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê; Clube Curitibano. De outras tantas entidades, paraninfa cadeiras.

Sem divulgação, foi lançada em 2003, a edição italiana de *Viagem no espelho — Viaggio nello specchio*. O livro foi traduzido por Domenico Corradini H. Broussard e editado em Pisa pela Tipografia Editrice Pisana. O ensaio “I custodi della terra: bibliografia, filmografia e discografia sul Brasile”, publicado pela Mediateca del comune di San Lazzaro di Savena, no item “La letteratura: un mixer culturale”, indica este livro de Helena

Kolody para leitura, ao lado de *Teresa Batista stanca di guerra*, de Jorge Amado, *Sagarana*, de Guimarães Rosa, *L'alienista*, de Machado de Assis, *Cronaca di una innamorata*, de Zelia Gattai, *L'alchimista*, de Paulo Coelho, entre outros, todos livros traduzidos para o italiano. “Un elenco, sicuramente parziale, di grande interesse e di altissima qualità letteraria”.

A antologia poética *Viagem no espelho*, que teve sua primeira edição em 1988, reuniu com o aval da própria escritora o melhor de seus 10 livros anteriores: a obra, hoje, encontra-se fora de catálogo. Para *Viaggio nello specchio*, foram selecionados os poemas dos livros *Sempre palavra*, *Poesia mínima* e *Ontem, agora*, obras em que o trabalho de Helena Kolody alcança a sua maior depuração lexical e semântica. Assim, o poeta e filósofo Domenico Corradini H. Broussard, tradutor de Helena Kolody para o italiano, analisa o fazer poético da escritora brasileira: “Sono l'espressione di una rara avventura umana e ci offrono in dono quella sapienza conquistata che distingue i grandi della letteratura”. Sua voz literária não somente traduz o que ela viveu, mas sim, traça um itinerário de seu próprio viver. Eis a viagem no espelho, tantas vezes reconstituída por Helena Kolody, comprovando que sua poesia se traduz franqueada por um passaporte biográfico e histórico.

Acolhida, com entusiasmo, por crítica e leitores, sua obra recentemente tem alcançado a comunidade escolar por inserções providenciadas institucionalmente por governos do Estado e de municípios. Jovens e crianças, ao contatarem com suas criações poéticas, vivenciam a oportunidade de fruir de suas intuições mais profundas, revelando, invariavelmente,

uma indiscutível empatia de amplo público. Rompendo certezas e verdades instauradas — eis a força da arte.

Vistos com a distância que é permitida, tais vestígios franqueiam um profuso exercício de procedimento de montagem em *petit-pavé* (tão característicos de Curitiba), com enfrentamento de discursos subliminarmente. Seu transcurso fecha-se antes e fecha-se depois, em sincronia, posto que veículo da literatura do presente. As forças singulares da artista catalisam elementos sensoriais e extraem dessa operação efeitos da mais alta e expressiva singularidade. Seu sublime está na fuga dos personalismos, em aprimoramento estético imensurável. A força da arte, da poesia, liberta o tempo do movimento. No aqui-agora, acontece a vida, uma urgência por absorver a exaltação da existência, como destaca Venturelli, “é a palavra escapando por entre os dedos nebulosos da sensação escorregadia”. Nesse terreno incerto, a caminhada sempre remete o eu-lírico para um patamar diferente de sua condição, poética de aprendizado, em que invenção e memória se misturam.

Resiliente, Helena nunca negou uma resposta, por maior ou por mais doído que fosse o cunho pessoal; fazia tudo com serenidade, com altivez e com bom gosto. Para além de poética, a visceral experiência de vida que seus textos e depoimentos expressam está empapada de uma profunda e específica experiência de mulher — leitora, professora e escritora. Neste amálgama em que cabem, enfim, os dias e os trabalhos de Helena Kolody, repletos de significados, sobressai sempre seu fundo compromisso com a humanidade. Com a mesma sensibilidade, atendia delicadamente às incontáveis solicitações de apreciação de tex-

tos literários, às incontáveis solicitações de prefaciação, aval de indiscutível credibilidade. Pacientemente recebia com alegria, em sua casa, grupos de jovens, de crianças, em busca da experiência literária da grande dama das letras, isso quando, por não raros motivos de saúde, não podia mais ir ao encontro deles.

Tal postura receptiva é perceptível, inclusive, nas inúmeras fotografias de Helena Kolody disponíveis, o que é pontuado com muita felicidade pela escritora Adélia Maria Woellner: “As mãos se levantam, abertas, leves como pássaros se alcançando para o voo. Mãos generosas, acolhedoras. Acompanha as mãos, o sorriso largo, sincero. E os olhos confirmam todos os gestos: profunda e intensamente azuis, também se doam, sorriem. Afinal, mesmo sentada, seu corpo todo recebe, amorosa e serenamente”.⁶⁰

Devido aos recorrentes problemas de saúde, nos últimos anos de vida, foram várias as internações na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba. O intervalo entre o hospital e o apartamento da Voluntários da Pátria preenche-se apenas pela Praça Rui Barbosa. Suas últimas despesas médicas foram cobertas pelo então prefeito de Curitiba, Cassio Taniguchi. Onipresentes nos momentos mais dramáticos, a irmã Olga e a amiga Diva Weber Torres.

Há uma prece permanente no olhar da poeta, que não perde o horizonte. A certeza de eternidade é um dos traços mais marcantes da poesia de Helena Kolody. A poeta está sempre cruzando estradas, em exílio pungente. Em seus últimos momentos de vida, sussurrou “Ramona”, valsa popular de 1926, a mú-

60 “A voz da mulher na literatura”, *Revista de literatura, história e memória*, 2007. Cascavel: Unioeste, p. 31.

sica preferida na mocidade. Curiosamente, no documentário de Sylvio Back, em que ela interpreta os próprios versos, escolheu cantar “Ramona” na abertura do vídeo e encerra cantando uma canção do folclore ucraniano. As escolhas, mesmo que gratuitas, propõem um movimento de continuidade, de circularidade, de rejeição do ponto final que o momento derradeiro poderia sugerir: “Na solidão do campo/ Onde os montes altos/ Beijam o céu sem fim/ Encontrei-te um dia/ A ansiar por mim/ Ramona,/ Ouço os sinos repicando”.

Já na UTI, a médica pediu para ela fazer um poema, ao que respondeu: “Agora não dá mais, o pássaro da poesia já voou”. Helena Kolody faleceu às 21 horas de um sábado, 14 de fevereiro de 2004. Produziu cerca de 500 poemas, teve cerca de 4 mil alunos.

Sua voz literária não somente traduziu o que ela viveu, e sim, traça um itinerário de seu próprio viver. Ela entrega em cada um de seus versos sua complexa visão de mundo e sua paixão pela vida. Mais do que literalmente, posto que professora de Biologia, foi mestre no exercício da vida. É importante assinalar que sua figura literária se enriquece com as máscaras imaginárias que incorpora em sua escritura, ao mesmo tempo em que sua voz se multiplica em vozes e ecos. Valioso legado, o sobrevoos à sua obra — e sua gênese — franqueia a passagem ao seu ofício, um pouco, seu santuário secreto. A literatura, assim lida, pode ser tanto um experimento de linguagem, como subsumir a criação da nossa própria identidade. Eis a sua paisagem interior em viagem no espelho, tantas e tantas vezes mencionada por Helena Kolody.

Um reencontro com seu mapeamento poético suscita uma

representação da paisagem para lá de geográfica, em seu conjunto de angústias e esperanças, gozos e tormentos individuais. Teus pensamentos sangrando palavras, tuas estalagmites em gruta de bruma, simulam um processo de formação de uma identidade literária concretizada em tempos incontidos e caminhos sem fronteiras. Despudoradamente, a poeta concretizou tal concepção forjando bandeiras através dos tortuosos caminhos da memória. Neles, o lugar e o tempo se destacam na linguagem como uma luta de corpo a corpo, as interrogações contínuas da poeta a respeito da permanência e da transitoriedade das coisas são respondidas por uma escrita refinada e pela poética que retrata seu rio de ontem e seu tempo de mágoas. O sujeito lírico que esconde a misteriosa esfinge eslava é o mesmo que bate e rebate no inexorável oceano. É o mesmo também que, entre mares e marés, reencontra a grimpada dos pinheirais de sua ativa araucária na Ucrânia valorosa, que foi Russ e foi Rutênia. À representação de sua relação com a cidade, seu cosmos, o percurso estabelecido discute a paisagem e, efetivamente, questões universais relacionadas aos aspectos individuais e sociais do ser humano. Em seu canto, a poética construída traduz a experiência adquirida como signo metafórico para dar voz ao aprofundamento de sua própria existência. A peculiaridade de seus sentimentos e suas experiências sociais e estéticas desvelam sua opção pela literatura como fonte de transformação, pelas significativas percepções da paisagem que a rodeia. Envoltas por cantigas de roda que o seu ver-sejar reelabora, convém relevar a importância da memória afetiva dentro desse processo criativo, esboçando um mapa a partir da imersão no mun-

do vivido. “Por isso é que eu surpreendo, em alta intensidade, acordada em meu sangue, a tara da saudade.”⁶¹ Poesia de primeira grandeza.

Sem aviso,
o vento vira
uma página da vida.⁶²

⁶¹ Versos finais de “Atavismo”.

⁶² “Sem aviso”, *Ontem agora*, p. 25

**Instituto de Educação do
Paraná: um dos cenários
da vida de Helena.**



Geografia literária

“Rodopiando com a Terra, girando em torno do Sol, viajamos velozmente pela Via Láctea. (tão minúsculos que nem percebemos esse estar sempre em viagem.)” O desafio: contar a trajetória de Helena Kolody a partir de sua inscrição na literatura, vivificando a sua identidade, o mundo que a cercava e o sentido de sua existência. Comprovar a evidente e inegável permeabilidade entre criação e recriação. Contar Helena é contar Leminski, o *Nicolau*, Tarás Chevtchenko, Cecília Meireles, seus livros e seus alunos, Curitiba e a Ucrânia. “Parte do porto do próprio ser o itinerário do conhecer”, Helena vaticina. Marca e sulco, foi professora de Biologia por muitos anos no Instituto de Educação do Paraná Erasmo Pilotto, escola em que se formou no magistério. “Sou uma simples professora normalista e tenho muito orgulho disso. Cursei a escola Normal de Curitiba (atual Instituto de Educação), diplomando-me em 1931. Foi ao magistério que dediquei os melhores anos de minha vida.” Da professora idealista e competente da ciência que estuda a vida às relações permeadas por livros, leituras e escrituras, perpassamos o seu relacionamento com seus contemporâneos e seus conterrâneos, o que a instala definitiva-

mente (se isso fosse possível) em Curitiba. “Do umbral solene da escola, vos contemplo comovida”. Mais que mera circunstancialidade, a cidade passa a ser moldável. Cidade modelada em palavras e imagens.

O Instituto de Educação
do Paraná pelo ângulo
da Rua Voluntários da
Pátria, endereço de um
dos apartamentos onde
a poeta viveu.





Curitiba é um mundo todo.

A janela

A poeta, a Helena de Curitiba, embora nascida em Cruz Machado e com fundas raízes eslavas, reconhece-se na cidade em diferentes cenários, o que de todo não surpreende posto que viveu na capital paranaense desde 1927 até 2004, quando faleceu. Emoldurada pelas janelas do apartamento 901 da Rua Voluntários da Pátria, nº 11, Edifício Vila Rica, morada de seus últimos 30 anos, descortina-se a paisagem curitibana, na qual habitam todos os deslocamentos da poeta, subsumida em versos, profundamente aferidos com seu contexto afetivo. Da janela, contemplava com olhos de “menino de arranha-céu” sua Curitiba. “Hoje, moro em um apartamento cujas janelas se abrem para a praça mais movimentada de Curitiba. Raramente escrevo. Agora sou uma simples espectadora. Igual a uma camponesa, que se senta no fim da tarde e vê a vida acontecer. Mas que continua sonhando!” Em sua morada-relicário, incansável e sempre gentil, Helena Kolody recebeu amigos, alunos, fãs e jornalistas. Acolhia indistintamente a todos com a sua palavra e o seu sorriso iluminados.

Interregno entre a partida de um ponto e a chegada ao mesmo ponto, o apartamento lhe favoreceu o navegar pelo mundo das contemplações. Daí, por exemplo, acompanhou a movimentação dos estudantes do Instituto de Educação, mesmo após a sua aposentadoria. “É meu pão de cada dia, vossa presença festiva, sou lavradeira da seara. Vossas cabeças inquietas são agitadas espigas.” Do mesmo ponto, conseguia vislumbrar no horizonte a Serra do Mar, perspectiva que foi paulatinamente sendo dissimulada pelo crescimento metropolitano. Em seu poemário, Helena a descreve, valorizando o Pico do Marumbi: “Súbito, fe-





**A poeta passava
breves temporadas
em Caiobá, no litoral
paranaense.**

re-o aquele pico audaz que se ergue senhoril, como se concentrasse toda a ambição ascensional da Serra, ansiosa de alcançar aquela estrela que tremeluz no céu opalescente”. À cifra de derivações, é possível reconstituir a cena de uma Helena já bem madura, a observar o mar, à certa distância. Costumava passar breves temporadas em Caiobá. Na linha do horizonte, mar e céu se misturam e se repetem eternamente — o mesmo céu que duplica o azul dos olhos de Helena, cromatismo recorrente em seus versos e que catalisava muitas de suas viagens: “Claro céu, alto céu, a refletir-se no inquieto espelho das águas. As folhas mortas deslizam, por entre nuvens, no azul”.



Edifício Vila Rica, na Rua Voluntários da Pátria: morada dos últimos 30 anos da autora.

Praça Rui Barbosa:
onipresente no
cotidiano de Helena.



A estação

A Praça Rui Barbosa transformou-se desde que se chamava Praça da República e servia de pátio de instruções de um quartel: “O quartel ocupava todo um quarteirão, onde hoje estão o estacionamento e o centro comercial”. Helena lembra-se do clarim a despertar os soldados e a vizinhança ainda bem cedinho. Tempos depois, o 15º BC foi transferido e o quartel, desativado. A praça, observa a poeta, “ganhou árvores, ajardinamento, calçamento de petit-pavé, repuxo iluminado, onde sonhavam garças”.

Era muito comum encontrar a escritora caminhando pelas ruas centrais da cidade, Calçamento da XV, Alameda Dr. Muricy, Rua Emiliano Perneta, todas aquelas ruas e travessas que derivam da Praça General Osório. Gostava de sair calmamente pela cidade e parar para admirar uma árvore, um pássaro, conversar com um transeunte, muitas vezes para dar atenção a quem a abordava. Sua agudeza de espírito transformava cenas banais de seu cotidiano em processo de criação poética: “Dia destes, quando cruzava a Praça Rui Barbosa, vi uma pena de pombo cair na calçada. Apanhei-a, contemplando-a, e na hora pensei num poema. Como tinha apenas um lenço de papel, foi nele que escrevi: ‘Apanhei na calçada uma pena de pombo, aprisionei um momento de voo e vento’”.

Com a instalação de terminais de ônibus, mais tarde, com a instalação das estações tubo para embarque e desembarque em ônibus do sistema expresso, transporte utilizado rotineiramente pela escritora para ir a lugares mais distantes, muito embora a praça tenha perdido em beleza, a Rui Barbosa ganhou em humanidade. Em sua lírica, moderna e universal, se entretecem reflexões e sentimentos a partir de uma matéria pessoal e loca-





Os percursos da poeta pelo centro da cidade tinham como ponto de partida a Praça Rui Barbosa.

lizada. “Desde a madrugada até o início de outra, os expressos despejam e recolhem milhares de pessoas. Mal alvorece, formigas laboriosas descem dos coletivos. Apressam o passo, a caminho do trabalho. As filas engrossam à tarde, como rios em dia de enchente. O cansaço anoitece nas solidões aglomeradas. Um rumor de mar em ressaca ressoa no tráfego intenso.”

Na reconstrução de fatos do dia a dia, que pode ser bastante esclarecedora, mesmo quando sutil ou banal, está o humano que habita a obra. E aí, não há como não se colocar na posição do observador de Benjamin, em busca da pequena “centelha do acaso, com a qual a realidade chamuscou a imagem”. Assim, Helena observa as alterações da praça, seu marco zero, seu centro geográfico: o frenesi da feira com suas vozes, gritos, risos, músicas e toda a sorte de alaridos urbanos. “Das barracas de roupas, acenam mangas, meias ensaiam passos de dança quando bate o vento.” Em seu mapeamento de sonoridades “imperam alto-falantes no centro da praça, políticos fazem comícios, crentes cantam, rezam o terço os marianos, um nordestino apregoa a excelência de ervas medicinais, músicos se apresentam”. Na recuperação do cotidiano, a passeio pela sua mediação sensorial e de experiência, a poeta conclui: “na Praça Rui Barbosa, a vida escreve uma página da história curitibana”.



Helena costumava circular pela Praça Osório.



Vizinha do Hospital de Caridade Santa Casa de Misericórdia, onde tantas vezes foi internada.

Os caminhos

Desde que chegaram a Curitiba, em julho de 1927, Helena e seus familiares elegeram a Igreja Senhor Bom Jesus dos Perdões, na Praça Rui Barbosa, como seu templo religioso. Católica praticante, comungava todo domingo. Fazia o sinal da cruz com os três dedos juntos, como se faz na Ucrânia, na representação da união do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Define num gesto tão simples, tão puro e tão fundo (como um dia Carlos Drummond de Andrade definira a sua arte), sua vivência viageira. Ao lado da igreja, a gruta de Nossa Senhora de Lourdes também fazia parte de seu percurso de fé. Uma tocante cerimônia religiosa em rito ucraniano marcou seu velório, no dia 15 de fevereiro de 2004, na Igreja Bom Jesus, ao lado do Hospital de Caridade Santa Casa de Misericórdia, onde tantas vezes fora internada. Alguns depoimentos evidenciam o quanto é perceptível seu espírito religioso. Pode-se atribuí-lo a uma formação católica recebida desde criança. “Eu sou muito mística, assisto à missa com verdadeiro fervor.” Destaca que tal postura não a impediu de ser tolerante. Desde a infância, sempre teve amigas de todos os credos e sempre respeitou a religião de todos. A escritora estabelece uma fecunda relação criadora, mediante a arte da criação poética, entre a realidade estética, íntima e pessoal, com a realidade cultural, geográfica e humana e a realidade interior e mística (religiosa).



O Largo da Ordem, outro espaço por onde a poeta circulava.

A paisagem

“Estou sempre em viagem. O mundo é a paisagem que me atinge de passagem.” A antiga Estação Ferroviária e a Rodoferroviária de Curitiba significam mais que portas da cidade, a mediação entre paisagens, na presença de um espaço indefinido, homogêneo, indiferentes nos seus lugares. Lugar de passagem, de trânsito, da mesma forma que a estação tubo, a Biblioteca Pública do Paraná, as praças curitibanas, o Largo da Ordem, os seus livros preferidos, a contemplação da natureza e a observação e o contato com as pessoas pela cidade ativam fluxos, animam as associações inspiradoras, poetizam a vida. Lugares em que se está e não está, em que se experimenta como contradição. Espaços surgidos sob o signo de sua alteridade, qualquer lugar em que o tempo se demore, a paisagem que se prolongue paisagem interior adentro, numa evidente vocação para o exercício de, já conhecendo a cidade, queira descobri-la com outros olhos.





**Escadas que levam à
Biblioteca Pública do Paraná:
templo de Helena.**



Interior da Igreja Bom Jesus, onde o corpo da poeta foi velado.

A bússola

“A rosa dos rumos esfolha-se pelos pontos cardeais. Batido de apelos, o poeta oscila, imantado, entre o espelho perturbado e a tempestade do mundo.” Nos primeiros versos do livro *Tempo*, há uma orientação mínima para a leitura da trajetória da escritora, por seus lugares de acolhimento. Esperamos que, ao percorrer as páginas e as imagens deste livro, o leitor possa não só entrar em contato com a figura extraordinária de Helena Kolody, mas também sentir a pulsação de uma vida que se desenvolveu plenamente. Através dela sente-se também, necessariamente, a vida de uma época: o espaço humano, existencial, cultural e geográfico do qual Helena é, para este livro, o centro. O seu contexto. Porque se é verdade que a poesia da escritora é um produto de um fato seu, interior e privado, sobretudo não se pode ler Helena Kolody fora de um clima cultural eminentemente curitibano, que de suas janelas foi uma comentarista atenta, perspicaz e amorosa, sempre extremamente entusiasmada e participante. Suas representações expressivas são para nós, seus herdeiros, inexoravelmente definitivas.

Obras de Helena Kolody

- Paisagem interior.*** Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1941.
- Música submersa.*** Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1945.
- A sombra no rio.*** Curitiba: Centro de Letras do Paraná, 1951.
- A sombra no rio e Poesias escolhidas.*** Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1957.
- Poesias completas.*** Curitiba: Senai, 1962.
- Vida breve.*** Curitiba: Senai, 1964.
- 20 poemas.*** Curitiba: Santa Cruz, 1965.
- Era espacial e Trilha sonora.*** Curitiba: Senai, 1966.
- Antologia poética.*** Curitiba: Vicentina, 1967.
- Tempo.*** Curitiba: Senai, 1970.
- Correnteza.*** Curitiba: Lítero-Técnica, 1977.
- Infinito presente.*** Curitiba: Repro-Set, 1980.
- Poesias escolhidas*** [BIIÖPAHI IIOE3II]. Tradução de Wira Wowk para o ucraniano. Curitiba: Sociedade dos Amigos da Cultura Ucrânia / Tipografia Prudentópolis, 1983.
- Sempre palavra.*** Curitiba: Criar Edições, 1985.
- Poesia mínima.*** Curitiba: Criar Edições, 1986.
- Viagem no espelho.*** Curitiba: Criar Edições, 1988.
- Ontem agora – poemas inéditos.*** Curitiba: SEEC, 1991.
- Reika.*** Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba: Ócios do ofício, 1993 (Série Buquinista).

Sempre poesia: antologia poética. Organizada por Reinoldo Atem. Curitiba: Livrarias Curitiba, 1994.

Caixinha de música. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura, 1996.

Luz Infinita: Helena Kolody. Curitiba: Museu — Biblioteca Ucrânicos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva: Clube Ucrâno-Brasileiro: Organização Feminina, 1997.

Sinfonia da vida: Helena Kolody. Antologia poética organizada por Tereza Hatue de Rezende. Curitiba: Pólo Editorial do Paraná – Letraviva, 1997.

Haikais. Curitiba: Criar, 2001. [Edição comemorativa dos 60 anos da publicação do primeiro livro de Helena Kolody, *Paisagem interior*. Edição com espiral e encartada].

Viagem no espelho e vinte e um poemas inéditos. Curitiba: Criar, 2001. [Edição comemorativa dos 60 anos da publicação do primeiro livro de Helena Kolody, *Paisagem interior*].

Memórias de Nhá Mariquinha. Castro: Kugler, 2002.

Poemas do amor impossível. Curitiba: Criar, 2002.

Viaggio nello specchio. Tradução para o italiano: Domenico Corradini H. Broussard. Pisa, Italy: Tipografia Editrice Pisana, 2003.

Alegria de viver. Curitiba: Instituto Euclides da Cunha, 2000 [tiragem de 30.000 exemplares, distribuição gratuita]. [2. edição (2002): 30.000; 3. edição (2006): 30.000].

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO EM TIPO LORA E IMPRESSO SOBRE PAPEL PÓLEN SOFT 80 GRAMAS
EM SETEMBRO DE 2018 PARA A BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ.

Na coleção *Roteiro Literário*, cada livro traz um ensaio inédito sobre a vida e a obra de um(a) escritor(a) paranaense e uma relação dos locais que ele(a) frequentava — conteúdo ilustrado por fotografias produzidas especialmente para o projeto. Se o/a autor(a) do ensaio conheceu pessoalmente o/a escritor(a) homenageado(a), o título em questão também abre espaço para um capítulo sobre esse convívio.

